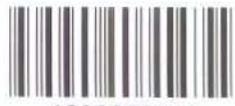


*Mercado de Trabalho
Mulheres - Trabalho*



1290000583



TCC/UNICAMP L625a



Trabalho de Monografia

**Aspectos da Inserção Feminina no Mercado de Trabalho na Região
Metropolitana de São Paulo**

Aluno: Luciano Liesenberg

Orientadora: Profa. Dra. Eugênia Toncoso Leone ✓

1998 -

TCC/UNICAMP
L625a
IE/583

CEDOC/IE

200335963

Introdução

Nas duas últimas décadas a economia brasileira vem passando por profundas modificações econômicas, desde o período de estagnação em 1980, quando o país enfrentava um processo de estagnação econômica e restrição de liquidez internacional. Em 1990, quando o país passava pelo período de abertura econômica, o mercado nacional transforma-se em um ambiente de maior competitividade e gradualmente ampliam-se as pressões para a reestruturação das empresas. Com a estabilização da economia em 1994, e a inserção do Brasil no mercado financeiro internacional, geram-se sérias restrições de ação macroeconômica para o governo brasileiro, prejudicando as condições de financiamento e crédito dentro da economia.

Ao mesmo tempo, transformações sociais e políticas que ocorreram em todo o mundo refletem-se no país, gerando alterações dos padrões de conduta das famílias e de atuação do governo, que se refletem diretamente no mercado de trabalho. Este processo resulta no crescimento da força de trabalho feminina, que deixa de trabalhar em casa para participar na geração de renda das famílias, e na desregulamentação do mercado brasileiro, com a quebra dos monopólios estatais e o processo de abertura da economia brasileira que vem se intensificando na década de 90.

O processo de desemprego tecnológico que vem ocorrendo no mundo todo induz transformações no mercado de trabalho. Em todo o mundo, ocorre um processo de retração do emprego formal, induzindo o inchaço do setor de serviços

e do trabalho informal, como mecanismos de fuga ou simplesmente de complementação de renda. Segundo Pochmann (1996), "nas duas últimas décadas houve deterioração nas condições de trabalho, com mudança setorial na economia, de esvaziamento das vagas dos setores primário e secundário e elevação das vagas do setor terciário".

Ao mesmo tempo, os sistemas de proteção social, como o seguro desemprego e outros programas de assistência tornam-se cada vez menos viáveis para o Estado, na medida em que aumenta a população inativa. A rapidez com que ocorre este processo é proporcional à falta de organização de sindicatos e grupos de pressão da sociedade, isto é, em países menos desenvolvidos. A conjunção destes fatores implica em profundas alterações no mercado de trabalho brasileiro, assim como desemprego, modificações setoriais dentro da economia e reestruturação das empresas nacionais, e na própria característica do desemprego, que passa a ser um desemprego de longa duração.

Problemas estruturais da economia brasileira, como a ausência de um programa de reforma agrária, a heterogeneidade do país, a alta concentração de renda, a baixa qualidade do ensino público, entre outros, são agravantes do quadro de desemprego. A soma destes problemas conjunturais com os problemas estruturais numa economia como a brasileira resulta numa situação de extrema fragilidade do mercado de trabalho, deixando o trabalhador e os sindicatos sem nenhum poder de negociação.

Existem três visões para o problema do desemprego no Brasil, segundo Pochmann (1996), a primeira, mais ortodoxa, é de que o desemprego provém de baixa taxa de crescimento na economia, e o retorno ao crescimento econômico

sustentado solucionaria os principais problemas do mercado de trabalho, e a flexibilização do mercado de trabalho tornaria mais elevada a oferta de novos empregos. Ou seja, esta visão acredita que as forças de mercado são capazes de resolver o problema do desemprego. Historicamente, porém, o problema do desemprego no Brasil não se mostrou suficiente para conseguir resolver o desemprego, e por outro lado criou uma segmentação na sociedade brasileira, onde existem empregos de primeiro mundo, para uma pequena minoria, e empregos desqualificados e outras formas de subsistência para a maioria. A segunda visão é de que não há problema de desemprego no Brasil, pois por ser um país com mercado de trabalho flexível, o Brasil seria capaz de gerar muitas ocupações. O problema, porém, consiste na qualidade dos empregos, pois esta visão simplifica a realidade do mercado de trabalho ao definir como emprego as formas de subsistência típicas do país. As ocupações mais precárias são uma conclusão do baixo nível de investimento do Brasil e sua característica do mercado de trabalho, de exclusão e precariedade.

A terceira visão parte de que o problema do desemprego no Brasil é estrutural, decorrente da formação e dos desdobramentos da economia brasileira. (Baltar & Henrique, 1994, Pochmann & Mattoso, 1995). O desemprego é resultado do abandono da questão do mercado de trabalho nas políticas de desenvolvimento, como a ausência de reforma agrária, a construção de um Estado de bem-estar social e o estabelecimento de um sistema democrático de relações de trabalho.

Por outro lado, o abandono do projeto de industrialização dos anos 80 e a abertura comercial e a reestruturação industrial dos anos 90 induziu ao

crescimento das ocupações por conta própria, dos assalariados sem carteira e das taxas de desemprego.

Segundo Pochmann (1996), " Ao contrário da década de 70, os investimentos têm sido realizados concentrados no setor privado, na racionalização das empresas, em tecnologia e no mercado financeiro, investimentos não geram empregos mas, ao contrário, têm impactos negativos. Ao mesmo tempo, as dificuldades para a fixação do trabalhador no campo , a redução do gasto público e a ausência de defesa da produção e emprego nacionais problematizam ainda mais a redução do desemprego. Portanto alterações no funcionamento do mercado de trabalho e a elevação na qualificação profissional não teriam um efeito positivo para a geração de empregos".

A observação do período analisado mostra que o quadro do emprego no Brasil é desfavorável, sendo que enquanto os postos de trabalho apresentaram baixo crescimento (e em alguns setores apresentaram retrocesso), houve crescimento da PEA no Brasil. Entretanto, a despeito do quadro desfavorável para o emprego no Brasil, o emprego feminino começa a se apresentar como uma das áreas em crescimento no país. Ao constatar-se estes fatos, fica evidente que a população masculina tende a perder lugar para a população feminina na PEA. Este processo ocorre de maneira heterogênea para as pessoas, de acordo com fatores como o seu grau de instrução, idade e posição na família.

Isso ocorre porque, por um lado, características do trabalho feminino como o custo da mão-de-obra e o seu maior nível de instrução, favorecem o seu emprego no contexto atual do país, devido à necessidade de redução de custos nas

empresas e à expansão do mercado terciário, que é um setor de trabalho tradicionalmente feminino.

Por outro lado, a mão de obra masculina está mais concentrada nos setores onde a reestruturação produtiva é mais forte, principalmente onde a intensificação de investimento de capital na produção incorre no aumento da mecanização do trabalho, ou seja, em setores onde a mão de obra é menos qualificada.

A inserção da mulheres no mercado de trabalho ocorre, segundo Lavinás(1997), em dois momentos distintos: num primeiro momento, ocorre a segregação do mercado de trabalho, que concentra as mulheres em atividades de serviços pessoais, doméstico, administração pública, comércio, entre outros. Num segundo momento, a mão de obra feminina começa a substituir a mão de obra masculina em suas funções, fenômeno que se baseia em grande parte no fato de que os salários femininos são, em geral, mais baixos.

O objetivo deste trabalho é realizar uma avaliação ~~quantitativa e qualitativa~~ da inserção da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho brasileiro. Para tanto, serão coletadas informações de fontes como a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), e analisadas através de programas estatísticos.

Trata-se de verificar, a partir de dois anos de referência (1989 e 1995), se ocorreram ~~mudanças quantitativas~~ e na distribuição de mulheres empregadas. A pesquisa também busca informações a respeito do desemprego no mercado de trabalho feminino, que é um fenômeno recente na economia brasileira. O período analisado tem como base os anos de 1989 e 1995, que foram dois anos com características semelhantes para análise, que são uma relativa estabilidade e

- 1
WAO

grande abertura comercial. Isso nos permite estabelecer relações entre os processos de abertura comercial e as transformações na economia, que resultaram em aumento do emprego informal e terciarização do mercado de trabalho, fenômenos que têm estreita ligação com o aumento do emprego feminino.

~~No que se refere ao aspecto quantitativo,~~ ^{Será} realizada uma pesquisa do mercado de trabalho com ênfase na região metropolitana de São Paulo, por ser um pólo de crescimento do país e portanto apto a representar as principais mudanças que vêm ocorrendo em toda a economia brasileira.

A pesquisa busca também examinar o perfil da inserção feminina no mercado de trabalho, visando descobrir se trata-se de um fenômeno temporário que é consequência da conjuntura econômica, ou se é uma mudança permanente, resultado de transformações na mentalidade da população. A análise da inserção feminina no mercado de trabalho justifica-se pela importância do tema, que é bastante atual e tem uma relação direta com as mudanças econômicas do Brasil, servindo portanto como base para uma análise mais ampla do mercado de trabalho. A partir da análise da inserção feminina é possível investigar qual a relação entre as transformações estruturais e macroeconômicas que vêm ocorrendo na economia, (no que se refere aos planos de estabilização, grau de abertura comercial, políticas de incentivo do governo, etc.) e as mudanças no mercado de trabalho, como a terciarização da economia, o aumento do trabalho informal, etc.

ponto de partida
Este trabalho terá como ~~base~~ duas pesquisas realizadas anteriormente no Instituto de economia: a pesquisa "Formas de Expansão do Emprego Feminino" e a pesquisa "Aspectos da Inserção Feminina no Mercado de Trabalho na Região

Metropolitana de São Paulo”, iniciada em março de 1998, ambas sob a orientação da professora Eugênia Troncoso Leone.

Capítulo I - Aspectos históricos das décadas de 1980 e 1990

Parte I - O debate internacional

As mudanças ocorridas na economia mundial a partir dos anos 70 , geraram transformações estruturais no processo produtivo. Com isso criam-se dificuldades crescentes de geração de emprego , tomando assim as políticas tradicionais do *Welfare State* inadequadas à nova conjuntura econômica , pelo fato de serem baseadas na relação de assalariamento. Ao mesmo tempo, a nova ordem econômica que passa a atuar torna as políticas nacionais mais instáveis, reduzindo o poder de atuação do Estado também na área social , o que gera um aumento na exclusão social.

Para entender este processo é necessário avaliarmos os impactos das mudanças mundiais no processo de acumulação capitalista, assim como o seu impacto sobre o raio de manobra de atuação das políticas macroeconômicas nacionais , ou seja, sobre a capacidade de intervenção dos Estados Nacionais sobre a economia.

Na fase anterior aos anos 70 o equilíbrio das contas públicas era garantido por altas taxas de crescimento e pelo fato de as economias serem relativamente fechadas, garantindo assim maior controle dos Estados nacionais sobre a economia de cada país. Isso garantia altas taxas de emprego, com aumentos constantes dos salários reais. Dessa forma as receitas e gastos do Estado permaneciam equilibrados.

Nos anos 70 intensifica-se o processo de Revolução Tecnológica, gerando modificações do mercado capitalista. Dois fatores são críticos neste processo : o mercado de trabalho torna-se mais restrito e mais exigente com relação à qualidade da mão-de-obra, criando um desemprego estrutural em massa, e a diminuição da capacidade de atuação dos Estados Nacionais em virtude da internacionalização do capital. Ainda no que se refere ao mercado de trabalho, vêm ocorrendo redução no tempo de trabalho, flexibilização, precarização e terceirização do trabalho. Estas alterações manifestam-se nos processos de Globalização e Regionalização dos Mercados, organizados pela internacionalização da economia sob hegemonia do capital financeiro. Um profundo impacto sob a economia do trabalho decorre destas mudanças, assim como mudanças no nível salarial, que interferem com os mecanismos de financiamento do Estado, inviabilizando os sistemas tradicionais de proteção social.

Em vista destas mudanças em todo o mundo, e apesar de ainda ser uma instituição atuante em muitos países, o Welfare State Keynesiano passa a ser muito questionado. No pós-guerra houve um aumento da tendência à adoção destas políticas sociais nos principais países desenvolvidos, haja vista o impacto da guerra sobre as suas economias. O Welfare State era um pacto entre trabalho e capital, comprometidos em constituir uma sociedade de pleno emprego e bem-estar social e garantir a paz social característica de um quadro de desenvolvimento econômico. Ou seja, era uma tendência oposta à ideologia do laissez-faire, que ganhou espaço no pós-guerra, com a negação dos princípios de auto-regulação do mercado.

A garantia de pleno emprego com crescimento econômico torna-se de manutenção mais difícil com o aumento da tecnificação do processo produtivo, e conseqüente afrouxamento da relação produção-trabalho humano.

Com isto muda a estrutura social dos países, e assiste-se ao surgimento de uma sociedade com desigualdades sociais crescentes - com aumento do desemprego e, por outro lado, de pessoas muito bem empregadas. Abandona-se a concepção de uma sociedade desenvolvimentista, com crescimento equilibrado para todas as camadas da sociedade, e adota-se um modelo de regressivo de crescimento econômico sem vínculo com desenvolvimento. Este sistema tende a ser tão mais regressivo quanto mais heterogênea a estrutura da sociedade - pois tende a aumentar a geração de desigualdades no processo de acumulação - , daí a gravidade em ser adotado num país como o Brasil.

Neste novo ambiente a concepção tradicional de Welfare State baseada, em primeiro, no seguro social com base na contribuição dos assalariados (que tende a cair), e em segundo, por auxílios sociais a categorias em dificuldade (com tendência a aumentar), torna-se problemática para o Estado e, a partir de certo ponto, insustentável, ao mesmo tempo em que não mais consegue realizar a manutenção dos problemas sociais crescentes.

Ao mesmo tempo, fenômenos como a abertura dos mercados e a dependência dos países com relação ao mercado financeiro, atrela às economias de todo o mundo um componente de instabilidade, e ao mesmo tempo reduz o raio de manobra macroeconômica dos Estados nacionais. Neste contexto, o desemprego torna-se um fenômeno mundial.

1.1- A economia brasileira nos anos 80

A década de 80 no Brasil foi marcada por um ambiente econômico fortemente perturbado. O choque do petróleo em 1979 provocou uma retração do processo de abertura das economias que vinha ocorrendo antes disso. A retração do comércio internacional acarretou uma restrição de liquidez do mercado de capitais no mundo todo, principalmente em economias mais frágeis como a brasileira. Como a economia do Brasil estava numa situação de dependência de financiamento externo, resultado de uma política de forte investimento estatal, o Estado brasileiro se viu preso a uma crise de financiamento - tudo isso num cenário internacional altamente desfavorável.

Com a crise da dívida externa, a política econômica se volta para a busca de um superávit comercial. O saldo comercial foi obtido com estagnação da economia, elevada inflação e deterioração das finanças públicas, que terminaram conduzindo o país a uma situação próxima da ingovernabilidade no final da década (Matoso e Baltar, 1996).

A emissão inflacionária de moeda tornou-se um recurso de última instância do governo para se financiar. Por isso houveram prolongados períodos de recessão, no qual a economia brasileira conviveu com altas taxas de inflação durante a década. Embora tenham havido períodos de aquecimento e recessão da atividade econômica, de maneira geral o que ocorreu foi uma permanente e prolongada crise econômica (Lavinias, 1997).

Em 1986 entra em ação o Plano Cruzado, que num primeiro momento consegue produzir acentuada queda da inflação, mas com curto fôlego : já no final de 1986 esta volta a se acelerar. Por isso houve um breve boom, no que diz respeito ao nível de atividade econômica. Nesta fase (85/86) houve crescimento da demanda e retomada das taxas de crescimento econômico, mas que logo retrocedeu, quando a economia entra uma recessão mais forte do que antes. Ao final do Plano Cruzado, introduziu-se uma reindexação progressiva da economia. O governo retomou o regime de minidesvalorizações do câmbio num ritmo maior que a inflação, para evitar o déficit comercial. Isso porque um dos piores aspectos do fracasso do Plano Cruzado foi uma forte queda dos superávits comerciais.

Os planos Bresser (1987) e Verão (1988) visavam a redução do patamar inflacionário e o saneamento das contas públicas, associados a outras medidas que buscavam o restabelecimento do controle macroeconômico; seus objetivos eram muito semelhantes aos do Plano Cruzado. O controle da demanda foi o mecanismo mais utilizado por estes planos, no combate à inflação, sem se preocuparem em tentar implementar reformas estruturais na economia. Tratavam-se de planos de emergência, concentrando-se em metas de estabilização de curto prazo.

Com relação ao plano Bresser, segundo Kandir, "assim como a experiência do Plano Cruzado, o plano heterodoxo de 1987 fracassou na proposta de superar determinados obstáculos estruturais ao desenvolvimento e à estabilização. O Plano Bresser não foi suficiente para estabilizar a inflação, cuja reaceleração minou expressivamente o esforço de recuperar as receitas do setor público, e aprofundou a redução do salário real. De outro lado, foi possível afastar, por mais de um ano, a

perspectiva de hiperinflação, reverter a tendência de crise financeira e reajustar, de acordo com os objetivos, a composição da demanda agregada”(Kandir,1989). Não houve nenhum avanço concreto na renegociação da dívida externa.

As consequências mais marcantes do Plano Verão foram, em primeiro lugar, a introdução de um elevado grau de instabilidade no processo de formação de preços. Isso ocorreu pela forma na qual o governo retirou os mecanismos de indexação, num período de elevada incerteza sobre a formação de preços. A desestruturação dos preços relativos levou a uma rápida reaceleração inflacionária. Em segundo lugar, as elevadíssimas taxas de juros magnificaram a dívida pública.

1.1.1 - Mercado de trabalho nos anos 80

Segundo Pochmann (1996), desde o início dos anos oitenta, com a situação de recorrentes ajustes na economia nacional, existem três visões distintas acerca do problema do emprego no Brasil: a primeira, mais tradicional, refere-se ao problema do desemprego como decorrência das baixas taxas de crescimento da economia e sugere o retorno ao desenvolvimento econômico sustentado e a maior flexibilização do mercado de trabalho como meios de elevar a oferta de empregos. A visão ortodoxa parte do pressuposto de que as forças de mercado tem condições para eliminar automaticamente o problema do desemprego, quando criadas as condições para o seu perfeito funcionamento. Porém, o crescimento econômico por si próprio se mostrou no Brasil insuficiente para eliminar o problema do desemprego, e resultou numa situação segregação dentro do mercado de trabalho, em que empregos com remuneração compatível com os níveis de primeiro mundo são privilégio de uma elite, enquanto que a grande maioria dos empregos

permanece de baixa qualidade e são mantidos assim pela massa de desempregados.

A segunda visão assume que não há propriamente problema de desemprego no Brasil, pois o mercado de trabalho no Brasil, por ser bastante flexível, estaria gerando emprego suficiente, que contudo é de baixa qualidade. Dado o baixo nível de crescimento econômico, crescem as formas de sobrevivência informais no país; porém é difícil classificar estas formas de sobrevivência como emprego, que proporcione condições e relações de trabalho regulares. (Pochmann, 1996).

De fato, nos anos 80 houve uma ampliação do setor terciário na economia, induzida pela retração do mercado interno e pela estagnação da economia. O panorama recessivo da economia forçou a fuga da mão-de-obra desempregada para o setor de serviços e, na maioria das vezes, para o trabalho informal. O setor terciário tornou-se o maior absorvedor de mão-de-obra pela sua própria natureza, pela facilidade que este setor permite a entrada dos trabalhadores, principalmente quando comparado com a indústria.

A terceira visão se refere ao problema do desemprego como sendo de natureza estrutural, decorrente da formação e dos desdobramentos da economia brasileira (Mattoso & Pochmann, 1995). Agravado pela ausência de políticas sociais efetivas no Brasil, o desemprego no Brasil adquire um caráter estrutural quando entra em crise o modelo de industrialização brasileiro, associado à crise da dívida dos anos oitenta. Os processos de abertura comercial mal-desenvolvidos, a carência de investimentos (principalmente os sustentados), além de problemas históricos no Brasil como a ausência de reforma agrária, que gera dificuldades para

a fixação do trabalhador no campo, são outros fatores agravantes do problema de desemprego no Brasil, que tornam difícil a sua solução.

A reestruturação industrial que vem ocorrendo nos países em desenvolvimento, principalmente a partir dos anos 80, imprime um peso maior no papel dos serviços na organização produtiva, principalmente no que se refere à terceirização das atividades produtivas, potencializando a expansão do setor terciário que já vinha ocorrendo na economia. Os ramos que mais se destacaram na geração de empregos foram a prestação de serviços, o comércio, as atividades sociais, a administração pública e outros como as instituições financeiras.

Outro fator que contribuiu para o aumento do desemprego e a desqualificação do trabalho (como redução do salário), foi o crescimento de pessoas no mercado de trabalho, não somente como resultado do crescimento da população economicamente ativa, mas também do egresso de pessoas não - economicamente ativas, uma estratégia de sobrevivência das famílias. Assim, aumentam os trabalhos informais, e ao mesmo tempo reduz-se o poder de compra dos mesmos (Pires, 1985).

É importante salientar que o grupo que mais se destacou neste aspecto foram as mulheres, principalmente as mais qualificadas, constituindo os blocos que mais se expandiram no mercado de trabalho. Esta expansão ocorreu num primeiro momento nos grupos de ocupações em que as mulheres tradicionalmente atuam (ocupações tipicamente femininas), mas em seguida passou a ocorrer também em setores onde as mulheres concorrem com a mão-de-obra masculina.

O processo de expansão do emprego foi sobretudo urbano, alimentando-se do crescimento das cidades médias e grandes, das regiões menos desenvolvidas e da integração econômica que possibilitou um contato maior entre os principais polos de acumulação do país, que são as regiões metropolitanas.

O crescimento dos ocupados foi maior que o da população economicamente ativa, indicando uma maior flexibilização do trabalho, como mostra a queda da taxa de desemprego aberto¹ na década (Pires, 1985).

A retração do mercado interno e a estagnação da economia leva a um processo desindustrialização do emprego. Também a necessidade das empresas de reduzirem custos para adaptarem-se ao processo mundial de reestruturação produtiva contribui nesse sentido. As áreas de maior crescimento foram o comércio, serviços de administração pública e o setor de prestação de serviços, que "incharam" como consequência da migração de mão-de-obra dos outros setores produtivos.

A reestruturação da produção, um resultado do ajuste do mercado, aumenta o contingente de trabalhadores informais. Estes constituem uma reserva de força de trabalho do mercado formal (que poderia ser efetivada numa situação de aquecimento da economia), contribuindo para a depreciação dos salários. Permanecem agrupados em pequenos estabelecimentos do setor terciário ou em microempresas privadas ou familiares. Estes trabalhadores permanecem fora de qualquer tipo de órgão sindical ou de assistência governamental, e criam um tipo de economia paralela (ou informal). A sua participação aumenta em praticamente todos os ramos de atividade (serviços, indústria e comércio), exceto na agricultura

- onde perdem participação há quatro décadas, como parceiro conta própria (Pires, 1985).

Ao contrário do que pode se imaginar, não ocorreu uma inibição das organizações sindicais de várias categorias nos anos 80, principalmente nas regiões mais industrializadas do país. Porém mesmo com o aumento de sua participação não foi possível evitar uma diminuição do poder de compra dos salários em geral, o que explica também o crescimento do desinteresse pelo trabalho formal, em relação às atividades informais (que em muitos casos podem gerar uma renda maior).

A persistência de altas taxas de inflação cria uma distorção na distribuição de renda. Ocorre um "...processo inflacionário de luta por participação na renda entre empresas, setores, entre sindicatos e empresas, entre classes, entre os setores público e privado...e (isso se tornou)...um mecanismo de transferência de renda aos setores econômica e politicamente mais fortes", Segundo Pereira & Nakano (1984). Ocorre um processo de centralização do capital, associado a uma expansão da divisão social do trabalho. Isso pode ser observado na perda de poder de compra das classes assalariadas, sobretudo as classes médias, que em parte acabam proletarizando-se, e fortalecendo o processo de crescimento do setor terciário e do trabalho informal . A segmentação da sociedade brasileira cria padrões de consumo nitidamente diferenciados dentro do mercado brasileiro, fragmentando o mercado. Diante da estrutura concentrada dos lucros e salários, a maioria dos trabalhadores de baixa renda trabalham para e sobrevivem do consumo demandado por si mesmos ou por classes médias de baixo poder

¹ taxa de desemprego aberto = % pessoas desocupadas/ PEA, sendo considerados como desocupados as pessoas sem ocupação que procuraram emprego na semana de referência.

aquisitivo. Um exemplo deste processo é a retração do mercado de mercadorias de bens de consumo duráveis, que se reflete na inibição das indústrias dessa área.

1.2 - A economia brasileira nos anos 90

No primeiro trimestre de 1990 o país era marcado por uma profunda instabilidade e pela ameaça de um processo hiperinflacionário, além de um processo recessivo bastante expressivo, apesar dos esforços anteriores. No começo dos anos 90 a inflação e o déficit público alcançavam patamares alarmantes.

O Plano Collor procurou combinar um ajuste recessivo com um congelamento de preços e salários, para a estabilização da economia a curto prazo. Reformas estruturais (reforma administrativa, abertura da economia e privatizações) foram anunciadas, para permitir a estabilização a longo prazo; estas reformas permaneceram por serem feitas, e na maioria dos casos se arrasta até os dias de hoje.

O Plano Collor foi efetivo em reduzir o déficit público, e conseguiu reduzir a relação dívida interna/PIB. Porém o corte de liquidez imposto pelo governo conseguiu reduzir o patamar da inflação, mas sem eliminar a tendência inflacionária. Além disso, o efeito recessivo sobre o setor produtivo provocado pelo confisco da poupança não permitiu ao governo restringir a liquidez por muito tempo, sendo obrigado a remonetizar a economia (através das “torneiras de liquidez”) para o setor produtivo, de maneira aleatória. Segundo Baer (1996), “as muitas concessões, o impacto do superávit do Balanço de Pagamentos e o processo

orçamentário do setor público (...) levaram a um rápido processo de remonetização”.

No que se refere à implementação das reformas estruturais, que eram a base para promover a estabilização e o crescimento da economia a longo prazo, foi dificultada por motivos políticos. Apesar disso, o governo conseguiu iniciar o processo de liberalização do mercado interno, com a redução gradual de tarifas e flutuação do câmbio. A abertura comercial visava conter os preços internos e melhorar a competitividade da indústria. Porém a recessão da economia reduziu a demanda por bens importados, tomando a abertura às importações pouco efetiva.

Mesmo com a reversão das expectativas inflacionárias de curto prazo via política monetária, as incertezas e a lentidão das reformas estruturais acabaram desestabilizando as expectativas de longo prazo. Isso levou à volta da instabilidade, potencializada pela da recessão econômica.

Com os mesmos objetivos do plano anterior, o Plano Collor II tinha o desafio de conter a inflação, ajustar as contas públicas, desindexação geral da economia e continuar o processo de abertura econômica, já num ambiente político pouco propício, graças ao fracasso do primeiro plano. Juntamente com mudanças de regras de funcionamento do mercado financeiro e a edição de um novo pacote fiscal, com aumento dos preços de serviços públicos (tarifaço) e corte dos gastos governamentais, foi realizado um novo congelamento de preços e salários. Nota-se, porém, que o maior problema para o êxito deste plano foi a ausência de confiança dos agentes econômicos na equipe do governo. Assim, verificou-se um novo fracasso.

A gestão de Itamar Franco não modificou em nada o ambiente econômico, mantendo uma inflação contínua em patamares elevados e, apesar de uma leve recuperação da economia, recessão. Há instabilidade política e pressões contra a realização de reformas estruturais, dificultando as privatizações e o ajuste fiscal (Baer, 1996).

Com posse do ministro Fernando Henrique Cardoso é estabelecido um plano de privatizações e um ajuste fiscal rigoroso, associado à contração de liquidez na economia. Estas reformas são realizadas num contexto de relativo crescimento econômico, com aumento dos salários reais e uma receita agrícola favorável. A inflação apresenta, neste momento, taxas mensais de aproximadamente 30% (Baer, 1996).

Fatores como a retomada dos fluxos financeiros externos, num contexto de liquidez internacional favorável, dívida interna baixa, como resultado do Plano Collor, e acúmulo de reservas internacionais e continuidade do comando político, permitiam ao Plano Real contar com antecedentes favoráveis à sua implementação. Soma-se a este quadro a ausência de choques externos e choques agrícolas, eliminando dois importantes focos de pressão inflacionária. O Balanço de Pagamentos encontrava-se equilibrado pelos superávits comerciais do início dos anos noventa.

O primeiro passo na implementação do Real foi a criação da URV, antes da reforma monetária propriamente dita, que atuou como um instrumento de fundamental importância na eliminação da memória inflacionária. Esta "(...)ofereceu uma referência estável de valor, resgatando, neste sentido, a noção de preço

relativo numa economia em que o dólar não tinha penetrado de forma abrangente, diferentemente, por exemplo, da Argentina” (Oliveira, ANOO).

O Plano Real intensifica o processo de abertura econômica brasileira, e ratifica-o, assumindo o dólar como âncora cambial. O seu objetivo é reduzir a inflação, com o estímulo proporcionado pelo aumento das importações de bens duráveis e não-duráveis, associada a uma diminuição abrupta das alíquotas (Deddeca, 1997). O Plano Real foi bastante efetivo na implementação deste mecanismo, alcançando êxito na redução do patamar inflacionário.

Uma consequência da política adotada foi a valorização cambial, sendo também um instrumento facilitador de importações e que mostra eficácia no combate à inflação, dado o aumento da competição externa no mercado interno brasileiro. Uma das críticas ao Plano foi a postura adotada pelo governo, que permitiu uma excessiva valorização cambial, talvez como meio de criar confiança na nova moeda.

A estabilização da economia teve alguns aspectos importantes, como o ganho salarial real resultante da extinção do imposto inflacionário. Com o aumento do poder de compra dos assalariados, ocorre aumento do consumo, estimulando o crescimento da economia. Os preços públicos também entraram como fatores importantes na política antiinflacionária do período, sinalizando para o mercado apenas reajustes anuais. Desta forma eliminaria-se a pressão proveniente de tarifas públicas (Oliveira, 1996).

A combinação do crescimento da demanda com o câmbio excessivamente valorizado e, com os efeitos da abertura comercial, levaram à deterioração do Balanço Comercial, que apresenta déficits crescentes a partir de 1994. Perde-se, portanto, graus de liberdade da política monetária interna, que fica totalmente atrelada à manutenção da política de estabilização. Altas taxas de juros são praticadas para se manter o financiamento do déficit nas transações correntes. Mantém-se, portanto, um câmbio fixado, definindo-se bandas de variação, e utiliza-se a grande massa de capital especulativo internacional disponível no período atual. O contexto de globalização financeira entra neste ponto, garantindo tal fluxo livre de capital entre as fronteiras. Submete-se, portanto, a manutenção da estabilização de preços à lógica especulativa e ao mecanismo de arbitragem internacional, às custas de elevadas taxas de juros e consequente aumento do peso do serviço da dívida no déficit do Balanço de Transações Correntes brasileiro.

Nota-se portanto a necessidade de eliminação da dependência do programa de estabilização do governo com relação aos fluxos de capital externo e, portanto, de liquidez internacional. Os principais mecanismos pelos quais o governo pode superar esta dependência seriam através de desvalorização do câmbio e com a reestruturação do setor produtivo interno, que permitiria melhorar a competitividade da indústria nacional e, dessa forma, superar os déficits comerciais.

Uma desvalorização do câmbio sem a desestruturação do Plano Real só seria possível caso o país conseguisse adquirir credibilidade junto aos agentes internacionais, que lhe permitisse gradualmente desvalorizar o câmbio sem que houvesse fuga de capitais. Porém, no contexto internacional, seria extremamente difícil para o Brasil conseguir conquistar tal credibilidade.

A solução vista pelo governo é o aumento da competitividade da indústria, através de sua reestruturação e investimentos em infra-estrutura (somente em alguns setores específicos, como as telecomunicações), que permitiriam ao país saldar seu déficit comercial e, ao mesmo tempo, manter o fluxo de capitais externos necessário ao financiamento do Balanço de Pagamentos. Porém, ao mesmo tempo, a contenção da demanda interna é um fator fundamental para o sucesso deste programa.

Portanto nota-se a necessidade de adoção de reformas estruturais, que permitam ao governo sanear o déficit público - fator chave no controle da demanda agregada -, e levem a uma dinamização do setor produtivo. Por outro lado, não se sabe qual é a capacidade do setor produtivo de rebaixar seus custos e portanto qual será a efetividade da reestruturação do setor produtivo, induzida pela política econômica, em conseguir o efeito esperado. Ao mesmo tempo, segundo Erber e Cassiolato, a capacidade do setor produtivo para aumentar as exportações depende de um conjunto de fatores, tanto internos quanto externos - em particular a capacidade de cada setor de lançar seu produto nos mercados externos (Erber e Cassiolato, 1997). Ou seja, a solução para o problema da Balança Comercial depende também de ambiente econômico favorável no mercado internacional.

A necessidade de conseguir equilíbrio fiscal e conquistar credibilidade com os agentes internacionais torna de fundamental importância a reforma orçamentária. Assim o governo poderia evitar processos de ataque especulativo à moeda brasileira, e assim ganhar maior liberdade de manobra macroeconômica. Isso porque déficits fiscais agravam o problema do Balanço de Pagamentos, sugerindo uma possível incapacidade do governo de manter sua moeda valorizada,

estimulando o ataque apresentado acima. As privatizações tornaram-se um grande instrumento utilizado pelo governo para reduzir o desequilíbrio fiscal, sendo um importante fator de atração de capital estrangeiro e manutenção da política econômica do Plano Real. Nota-se porém, a necessidade de eliminar a dependência do governo em relação a este artifício, porque as privatizações têm fôlego curto.

Com a necessidade de reformas estruturais na economia, para a manutenção da estabilidade econômica, surgem grandes dificuldades para a geração de emprego. Segundo Bonelli, podem-se colocar três grandes desafios inter-relacionados para o restante dos anos 90: (i) recuperar uma trajetória de crescimento que possibilite resolver problemas, principalmente relacionados ao progresso social; "(ii) promover uma reforma do setor público que o torne capaz de exercer novamente, dentro de uma concepção estratégica, seu papel de agente promotor do crescimento; (iii) promover uma redistribuição de renda como forma de promover padrões minimamente aceitáveis de justiça social no curto prazo" (Bonelli, 1996).

1.2.2- O mercado de trabalho nos anos 90

Ao longo dos anos 80 não se modificou muito a importância relativa da indústria, permanecendo basicamente a mesma no início dos anos 90. O setor que mais cresceu foi o setor terciário, com transferência de mão-de-obra proveniente da indústria e da construção civil, além da agricultura, cuja mão-de-obra transferiu-se muito em função do processo de urbanização que ocorreu neste período.

Reformas vêm sendo feitas no sentido de facilitar o processo de ajuste do mercado. Muito se tem discutido a respeito da necessidade de flexibilização do mercado de trabalho brasileiro, apontando ser esta a principal causa das altas taxas de desemprego observadas no país nos anos 90. Isto porque o grande número de benefícios oferecidos pela constituição aos trabalhadores estaria encarecendo demais a mão-de-obra, tornando-a não competitiva e fazendo com que menos empregos sejam oferecidos. Ressalta-se porém que o mercado de trabalho brasileiro apresenta elevada rotatividade de mão de obra e um pequeno quadro de pessoal estável nas empresas. Nota-se portanto que a contratação coletiva de trabalho não se refletiu em maiores direitos para o trabalhador, ou melhores salários.

Segundo Baltar e Proni (1996) , No Brasil a instabilidade dos empregos, a falta de especialização dos trabalhadores e o baixo nível dos salários são aspectos inter-relacionados de um regime fluido de relações de trabalho, que se notabiliza pelo livre arbítrio dos empregadores, produto da ausência de regulamentação coletiva do uso e remuneração da mão-de-obra. Em consequência, prevaleceu uma elevada desigualdade sócio-econômica, na qual uma parcela dos trabalhadores, embora não totalmente excluída, não fez parte da base do mercado de consumo de massa. Problemas como como discrepâncias salariais, subordinação internacional e baixa qualificação dos trabalhadores, são salientados como aspectos do funcionamento do mercado de trabalho no Brasil que dificultam a sua inserção no mercado internacional e a atração de investimentos produtivos externos. As discrepâncias salariais podem ser explicadas pela baixa qualificação dos trabalhadores, que não conseguem distanciar-se do seu salário de entrada, não se beneficiando das promoções decorrentes da maior permanência (Baltar e Proni,1996).

A necessidade de reestruturação das empresas nacionais potencializa o problema da exclusão social, relacionado também à dependência financeira e tecnológica da indústria brasileira com relação às inversões estrangeiras, que se realizam em bases tecnológicas mais avançadas e intensivas em capital (Faria, ANOO). A queda do emprego formal na indústria, principalmente na de transformação, não teve como causa apenas a redução da produção, mas também, e principalmente, o processo de modificação na organização dos processos produtivos empresariais na indústria (estruturação verificada através da maior automação, aumento de importações de equipamentos e matérias-primas e mudanças da forma de gerenciar a produção e o trabalho), significando não apenas racionalização e aumento da produtividade, mas também terceirização de funções e importação de bens intermediários que antes eram fornecidos por empresas nacionais (Baltar e Proni, 1996). O acionamento da competição tem levado as empresas a buscarem eficiência e qualidade como forma de maior inserção internacional. A mudança nos meios produtivos exigem do trabalhador uma maior qualificação e polivalência dos operários (Coutinho, 1990).

Outro aspecto da perda de dinamismo do mercado de trabalho se manifesta em menores fluxos de contratação e dispensa de empregados formais, porém sem indicar uma tendência a maior estabilidade no emprego. A diminuição na intensidade dos fluxos de contratação e dispensa foi menor no comércio e na prestação de serviços, onde o emprego formal não diminuiu tanto na recessão ou recuperou-se mais plenamente na retomada da produção e das vendas. Aparentemente, o que vem ocorrendo face à redução no emprego formal, é um aumento do peso do núcleo de empregados estáveis e uma elevação do número de trabalhadores com maior tempo de estabelecimento. Porém a redução dos

fluxos de contratação e dispensa com menor nível de emprego formal não parece ter sido suficiente para modificar o perfil extremamente assimétrico e disperso que caracteriza a distribuição de salários no mercado de trabalho urbano, perfil este que está intimamente relacionado ao padrão de elevada flexibilidade do uso da força de trabalho no Brasil (Baltar e Proni, 1996).

Existem outros fatores que contribuem para o crescimento do mercado informal de trabalho, quando combinados com os desdobramentos da economia nos anos 90. Neste período a PEA aumenta ao mesmo tempo em que há baixo crescimento do emprego formal, ressaltando-se o aumento acentuado da PEA feminina no período, que tem uma relação direta com o mercado informal e o crescente peso do setor terciário na economia.

Como resultado das flutuações da atividade econômica, conjuntamente com o aumento do desemprego e o crescimento dos serviços, levam a uma deterioração das relações de trabalho, com o aumento na inatividade da mão-de-obra masculina, redução do assalariamento, redução das contribuições previdenciárias e dos registros em carteira.

A respeito do processo de terceirização da economia, segundo Pacheco (1996), ressalta-se que houve, um baixo investimento agregado na economia. Isto significa que os investimentos na produção não aumentaram tanto, de maneira que a produção física não apresenta uma elevação proporcional ao crescimento da relação PIB/emprego. Dessa forma, fica constatado que aumenta o processo de terceirização da produção (Pacheco, 1996).

As estimativas de crescimento para o mercado de trabalho na economia brasileira não são favoráveis: o crescimento esperado do nível de atividade na economia não terá tanto efeito sobre o nível de emprego quanto antes, um resultado da tendência mundial de desemprego estrutural (ou tecnológico). Espera-se ainda um aumento do crescimento da PEA feminina e da sua participação na economia, com um pequeno aumento da PEA masculina (Pacheco, 1996). Ao mesmo tempo, a dependência da economia brasileira com relação ao mercado financeiro, e principalmente dos agentes internacionais, torna-a extremamente dependente de um contexto internacional favorável, gerando uma instabilidade crescente no mercado de trabalho. Ressalta-se portanto a necessidade de políticas de geração de emprego para os próximos anos, num contexto recessivo e de necessidade de estabilização da economia.

Capítulo II - ~~Análise empírica~~: as transformações no mercado de trabalho brasileiro e a inserção feminina.

8

Para facilitar a análise de dados referentes ao mercado de trabalho brasileiro, foram criados grupamentos distintos referentes aos grupos de ocupação e aos setores de atividade em que cada ocupação se encaixa. Os setores de

?

atividade foram agrupados em 29 grupos, divididos entre dez setores de atividade de acordo com as afinidades entre as ocupações. Esta divisão baseou-se nas semelhanças entre as atividades analisadas, segundo a classificação do quadro II.1 (Anexo).

A classificação dos setores de atividade permite a análise das modificações nos setores de atividade da economia, assim como nos permite estabelecer relações entre modificações estruturais na economia como um todo e suas consequências sobre os seus setores de atividade.

Também as ocupações foram classificadas em 5 grupos distintos:

- Ocupações de proprietários, administradores, magistrados e afins;
- Ocupações científicas e de profissionais liberais;
- Ocupações de execução e manutenção e de apoio em serviços gerais;
- Ocupações de apoio administrativo e de escritório;
- Ocupações mal definidas.

A divisão dos grupos de ocupação permite analisar as modificações qualitativas no mercado de trabalho, demonstrando as características dos empregos analisados, e a sua evolução no período analisado.

Ao analisarmos as mudanças ocorridas nos grupos de ocupação dentro dos setores econômicos, percebe-se que houve intensa modificação na composição das ocupações, no período de 1989 até 1995.

A tabela 1.1 mostra a participação de cada grupo de ocupação dentro dos setores de atividade, indicando a composição de cada setor de atividade. O grupo de ocupação que se destaca mais claramente é o grupo de ocupações executivas e de manutenção, que no total cresceu de 70,28% em 1989, para 75,82% em 1995.

Distribuição dos ocupados na RMSP:

Grupos ocupacionais	Dist. Total ocupados	
	1989	1995
• Propriet, administrad, magistrados e afins	10,6	9,5
• Ocup. Científicas e Profissionais Liberais	3,9	4,6
• Ocup. Exec. e de Man, de Apoio e Serviços Gerais	70,3	76
• Ocup. de Apoio Admin. e Escrit.	11,7	7,2
Total	100,0	100,0

Em 1989 os setores de atividade em que este grupo era predominante eram a atividade de empregada doméstica, os serviços pessoais e os serviços domiciliares, e a indústria da construção e a de transporte. Já em 1995 o setor de atividade das empregadas domésticas passou a concentrar 100% de suas ocupações neste grupo, seguido pelos setores agrícola, pelos serviços pessoais e pelos serviços de reparação, e pelos serviços domiciliares. Isso indica que houve restrição da variedade de ocupações neste setor, o que pode ser um resultado do deslocamento da mão de obra de outros grupos de ocupação para as ocupações executivas e de manutenção, como resultado da reestruturação do setor produtivo nacional.

7
distribuição dos ocupados por setores de alto peso econômico
grupo executivo de serviços?
que setores?
Tabela 1 (não foi citada?)
Tabela emprego / uniformizar
ocup. mal definidas?
Não tinha que ser no outro lado da tabela 1.2?

Setores de Atividade	Grupos de ocupação											
	1989						1995					
	Propriet. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	total	Propriet. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total
Agrícola	15,91		84,09			100,00	2,68		96,43	0,89		100,00
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	6,63	3,47	72,85	11,74	5,51	100,00	10,22	2,84	74,12	7,60	5,22	100,00
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	10,91	2,73	61,82	12,73	11,82	100,00	17,14	2,86	67,62	8,57	3,81	100,00
Mobiliário e Artigos de palha	11,57	0,83	79,34	5,79	2,48	100,00	7,53	1,08	86,02	4,30	1,08	100,00
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	14,22	2,84	64,93	12,80	5,21	100,00	12,77	2,84	73,76	4,26	6,38	100,00
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin, Perfum, Sabão e Velas	14,91	4,35	55,90	16,15	8,69	100,00	17,42	7,58	55,30	10,61	9,09	100,00
Têxtil, Vestuário e Calçados	8,86	1,52	75,44	9,37	4,81	100,00	9,85	1,09	82,48	4,74	1,82	100,00
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	15,48	1,79	73,21	7,14	2,38	100,00	16,84	1,58	68,95	7,37	5,26	100,00
Editorial e Gráfica	10,08	0,77	70,54	13,95	4,65	100,00	15,15		75,76	5,30	3,79	100,00
Outros produtos	6,52	2,17	69,56	10,87	10,87	100,00	15,66	3,61	68,68	8,43	3,61	100,00
Indústria da Construção	4,20	2,10	87,14	6,04	0,53	100,00	7,25	3,90	86,62	1,86	0,37	100,00
Extração Mineral	9,09	9,09	72,73		9,10	100,00	12,50		87,50			100,00
Serviço de Utilidade Pública	13,56	6,78	59,32	15,25	5,08	100,00	7,94	7,94	69,84	11,11	3,17	100,00
Comércio de Mercadorias	14,55	0,62	75,54	7,33	1,96	100,00	14,66	0,36	77,90	5,72	1,36	100,00
Transporte	5,63	0,94	85,00	6,88	1,56	100,00	6,28	0,24	83,57	7,97	1,93	100,00
Comunicação	12,12	3,03	63,64	18,18	3,03	100,00	8,47	10,17	49,15	25,42	6,78	100,00
Alojamento e Alimentação	19,67		75,67	2,67	2,00	100,00	10,64		86,29	1,89	1,18	100,00
Reparação	11,15		85,26	1,99	1,59	100,00	5,72		90,96	0,60	2,71	100,00
Serviços Pessoais	4,09		94,74	0,58	0,58	100,00	1,82		95,74	1,52	0,91	100,00
Serviços Domiliares	5,52		92,41		2,07	100,00	4,69	0,39	89,06	1,95	3,91	100,00
Empregada Doméstica			99,23	0,26	0,52	100,00			100,00			100,00
Divertimentos	19,56		73,91	2,17	4,35	100,00	10,53	1,75	71,93	5,26	10,53	100,00
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	16,98	13,68	39,39	27,36	2,59	100,00	9,91	18,38	47,75	20,72	3,24	100,00
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	7,51	22,53	56,92	8,70	4,35	100,00	4,53	26,21	58,90	7,12	3,24	100,00
Ensino	7,16	15,52	64,78	11,64	0,90	100,00	5,97	21,30	63,64	6,75	2,34	100,00
Outras Atividades Sociais	8,49	5,66	46,23	20,75	18,87	100,00	7,59	7,59	63,45	17,93	3,45	100,00
Governo	9,57	5,22	66,52	17,39	1,30	100,00	13,51	4,73	59,46	17,23	5,07	100,00
Entidades Financeiras	22,92	3,13	20,57	50,52	2,86	100,00	17,54	4,92	48,00	22,15	7,38	100,00
Outras atividades	16,66		22,23	5,55	55,55	100,00			23,07		76,93	100,00
Total	10,62	3,91	70,28	11,71	3,48	100,00	9,47	4,60	75,82	7,18	2,93	100,00

TABELA 1.1

Em segundo lugar, o grupo de ocupações de apoio administrativo e de escritório tinham em 1989 uma participação de 11,71% no total dentre os setores de atividade, passando a ocupar 7,18% deste total em 1995. Os setores de atividade em que o peso deste grupo de ocupação era maior eram as entidades financeiras, os serviços auxiliares da atividade econômica e outras atividades sociais, seguidos pelo setor de comunicação e pelo governo.

Já em 1995 o setor de atividade que concentra maior porcentagem deste grupo de ocupação era o setor de comunicação, seguido pelos serviços auxiliares da atividade econômica e pelas entidades financeiras. Em seguida, temos as outras atividades sociais e o governo. A queda da participação deste tipo de ocupação nas atividades financeiras pode estar associado à reestruturação destas empresas, fortemente impactado pela abertura comercial e a automação. Um setor no qual o crescimento destas ocupações pode ser destacado é o setor de comunicação, no qual o governo vem realizando um grande esforço no sentido de dinamizar suas atividades, por ser um setor de infra-estrutura essencial, para viabilização das reformas do governo. Isso pode ter sido responsável pela geração de novas ocupações neste grupo.

O terceiro grupo de ocupação em participação nas atividades econômicas era o grupo de proprietários, administradores, magistrados e afins, com 10,62% do total de participações em 1989. Em 1995, este grupo de ocupação caiu para 9,47% na participação total.

Em quarto lugar estava o grupo das ocupações científicas, profissionais liberais, apoio e serviço geral, em 1989, com 3,91%. Em 1995, este grupo cresceu

para 4,60%. Isso pode indicar uma maior flexibilização do mercado de trabalho, com o aumento dos profissionais liberais da área de serviços.

Entre 1989 e 1995 o ambiente econômico no Brasil sofreu fortes perturbações. Durante este período o país passou por vários planos de estabilização (Cruzado I e II, Bresser, Verão, Brasil Novo e Real), impactando diretamente sobre a atividade econômica e a capacidade da economia de geração de empregos, e provocando alterações setoriais no mercado de trabalho que modificaram a oferta de trabalho e a qualidade destes.

Houve deslocamento na população economicamente ativa, do setor industrial para ocupações no setor informal. O setor terciário teve papel fundamental na primeira metade desta década no sentido de evitar maiores quedas no nível de emprego. Os ramos que mais se destacaram na geração de empregos foram a prestação de serviços, o comércio, as atividades sociais, a administração pública e outros como as instituições financeiras.

A tabela 1 mostra a distribuição do total dos ocupados de cada grupo de ocupação, segundo 29 setores de atividade, mostrando a contribuição de cada setor no total de ocupações. Segundo esta tabela, em 1989 os 10 setores que mais contribuíam com ocupações eram as indústrias metalúrgicas, mecânicas de material elétrico e transportes, com 13,55%; o comércio de mercadorias, com 13,39% do total; o setor de serviços auxiliares da atividade econômica com 5,86%; o setor de indústrias têxteis e de vestuário de calçados com 5,46%; as empregadas domésticas, com 5,36%; as entidades financeiras com 4%; o setor da construção, com 5,27; o ensino com 4,63%, o setor de transporte com 4,42%, e o setor de Alojamento e Alimentação, com 4,15% do total das ocupações analisadas.

Setores de Atividade	Grupos de ocupação											
	1989						1995					
	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total
Agrícola	0,91		0,73			0,61	0,37			1,64	0,16	1,29
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	8,46	12,01	14,00	13,58	21,43	13,55	10,98	6,28	9,95	10,77	18,11	10,17
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	1,56	1,06	1,34	1,65	5,16	1,52	2,20	0,75	1,08	1,45	1,57	1,21
Mobiliário e Artigos de palha	1,82	0,35	1,89	0,83	1,19	1,67	0,85	0,25	1,22	0,64	0,39	1,07
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	3,91	2,12	2,69	3,19	4,36	2,92	2,20	1,00	1,58	0,96	3,54	1,63
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum, Sabão e Velas	3,12	2,47	1,77	3,07	5,55	2,23	2,80	2,51	1,11	2,25	4,73	1,52
Têxtil, Vestuário e Calçados	4,56	2,12	5,86	4,37	7,54	5,46	3,29	0,75	3,44	2,09	1,97	3,16
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	3,39	1,06	2,42	1,42	1,59	2,32	3,90	0,75	2,00	2,25	3,94	2,19
Editorial e Gráfica	1,69	0,35	1,79	2,13	2,38	1,78	2,44		1,52	1,13	1,97	1,52
Outros produtos	0,78	0,71	1,26	1,18	3,97	1,27	1,59	0,75	0,87	1,13	1,18	0,96
Indústria da Construção	2,08	2,83	6,53	2,72	0,79	5,27	4,76	5,28	7,10	1,61	0,79	6,21
Extração Mineral	0,13	0,35	0,16		0,40	0,15	0,12		0,11			0,09
Serviço de Utilidade Pública	1,04	1,41	0,69	1,06	1,19	0,82	0,61	1,26	0,67	1,13	0,79	0,73
Comércio de Mercadorias	18,36	2,12	14,40	8,38	7,54	13,39	25,00	1,26	16,59	12,86	7,48	16,14
Transporte	2,34	1,06	5,35	2,60	1,98	4,42	3,17	0,25	5,27	5,31	3,15	4,78
Comunicação	0,52	0,35	0,41	0,71	0,40	0,46	0,61	1,51	0,44	2,41	1,57	0,68
Alojamento e Alimentação	7,68		4,46	0,94	2,38	4,15	5,49		5,56	1,29	1,97	4,88
Reparação	3,65		4,21	0,59	1,59	3,47	2,32		4,60	0,32	3,54	3,83
Serviços Pessoais	0,91		3,19	0,12	0,40	2,36	0,73		4,80	0,80	1,18	3,80
Serviços Domiciliares	1,04		2,64		1,19	2,00	1,46	0,25	3,47	0,80	3,94	2,96
Empregada Doméstica			7,57	0,12	0,79	5,36			9,32			7,07
Divertimentos	1,17		0,67	0,12	0,79	0,64	0,73	0,25	0,62	0,48	2,36	0,66
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	9,38	20,50	3,28	13,70	4,36	5,86	6,71	25,63	4,04	18,49	7,09	6,41
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	2,47	20,14	2,83	2,60	4,36	3,50	1,71	20,35	2,77	3,54	3,94	3,57
Ensino	3,13	18,38	4,27	4,60	1,19	4,63	2,80	20,60	3,73	4,18	3,54	4,45
Outras Atividades Sociais	1,17	2,12	0,96	2,60	7,94	1,47	1,34	2,76	1,40	4,18	1,97	1,67
Governo	2,86	4,24	3,01	4,72	1,19	3,18	4,88	3,52	2,68	8,20	5,91	3,42
Entidades Financeiras	11,46	4,24	1,55	22,90	4,37	5,31	6,95	4,02	2,38	11,58	9,45	3,75
Outras atividades	0,39		0,08	0,12	3,97	0,25			0,05		3,94	0,15
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Estes setores conjuntamente contribuíam com 67,4% do total das ocupações observadas.

Em 1990 o setor produtivo é fortemente afetado por medidas recessivas do governo, e também pela abrupta abertura do mercado, que acelera o ritmo de inovações tecnológicas e organizacionais, principalmente no setor industrial, no intento de aumentar a produtividade e qualidade dos produtos nacionais, e fazer frente à concorrência internacional. Com isso, houve queda no nível de emprego industrial e, em consequência disso, nos demais setores da economia.

Em 1994, com a redução da inflação, a produção industrial aumenta, potencializada pelo crédito fácil. Porém o programa de estabilização adotado pelo governo levou a uma situação de déficit comercial estrutural, obrigando-o a frear o crescimento da economia em 1995. Neste ano a participação dos ocupados na indústria de transformação perdeu terreno, ficando quantitativamente semelhante à de 1993, e o setor terciário continuou sendo o responsável por absorção da maior parcela da população ocupada.

O processo de reestruturação das indústrias é intensificado, forçado pela abertura comercial. Isso acaba acarretando uma substituição dos postos de trabalho desta área por outros nos setores de comércio e de serviços. Dentro destes setores, as ocupações são em grande parte informais, com produtividade mais baixa e com menores salários do que na indústria.

Da mesma forma, outros setores foram atingidos, como o setor financeiro, com o aumento da automação, perda dos ganhos provenientes das receitas inflacionárias e por um crescente número de fusões e aquisições, e as estatais, que

são atingidas pelos processos de privatização e a administração pública, cuja reorganização começa a se traduzir numa diminuição do número de servidores públicos.

Em 1995 os 10 setores que mais contribuíam eram: o comércio de mercadorias, com 16,14% do total de ocupações; as indústrias metalúrgicas, de material elet. e de transporte, com 10,17%; as empregadas domésticas, com 7,07%; os serviços auxiliares da atividade econômica, com 6,41%; o setor da construção, com 6,21%; o setor de alojamento e alimentação, com 4,88%; o setor de transporte, com 4,78%; o ensino, com 4,45%; o setor de reparação, com 3,83%, e o setor de serviços pessoais, com 3,80%. Estes setores, no conjunto, contribuíam com 67,74% do total das ocupações observadas, sendo que o setor que mais cresceu até 1995 foi o comércio de mercadorias.

A evidência de que o setor de serviços cresceu é clara: o comércio de mercadorias ocupa a primeira posição na geração de ocupações. Além disso, demonstrou um crescimento de 13,39% do total de ocupações de 1989, para 16,14% em 1995, um crescimento de 20,5%. Da mesma forma o setor das empregadas domésticas subiu de quinto lugar em 1989, com 5,36%, para terceiro lugar, com 7,07%, obtendo um dos aumentos mais expressivos dentre os maiores setores da economia em geração de empregos, de quase 32%. Outros setores ligados à área de serviços aumentaram sua participação, como o setor de alojamentos e alimentação, com um aumento de quase 17,5%, e o setor de transporte, que cresceu 8,14%. Outros setores da mesma área também passaram a ocupar uma posição entre os dez maiores geradores de emprego em 95, como o setor de reparação (que cresceu mais de 10,37%) e o setor de serviços pessoais,

que foi o que mais cresceu até 1995, com aproximadamente 61% de aumento, passando de 2,36% em 1989 para 3,80% em 1995.

Ao mesmo tempo, existem outros setores produtivos que foram diretamente afetados pela abertura econômica e pela estabilização da economia. As entidades financeiras, que foram diretamente afetadas pelo fim da inflação e pela concorrência que a abertura do setor aos bancos estrangeiros criou, caíram de 5,31% para 3,75%, uma redução de quase 30%. Outro fenômeno que contribuiu para a redução do nível de emprego gerado por este setor foi a informatização das agências bancárias.

A abertura da economia, com a redução das alíquotas de exportação (que é parte da estratégia do governo para conter os preços internos) também afetou o setor industrial no país, como demonstra a redução da participação das indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte, de 13,55% em 1989 para 10,17% em 1995, uma redução de quase 25%. O setor têxtil, que foi duramente afetado pelos preços baixos dos tecidos de outros países como a China, caiu de 5,46% para 3,16% do total de ocupações, uma redução de quase 42%.

Outros setores, como o ensino, tiveram uma pequena redução (3%), que demonstra a necessidade do governo reduzir seus gastos para sanear o déficit público, que vem se agravando desde o início do Plano Real, em 1994. A estratégia de saneamento das contas públicas vem da necessidade de permitir ao governo maior controle sobre a inflação e, principalmente, de criar um ambiente de confiabilidade para os investidores estrangeiros, que são o pilar de sustentação do câmbio e, dessa forma, do próprio Real. Porém a contenção do gasto público choca-se com a necessidade de geração de emprego no país e necessidades não

menos importantes de melhoria de suporte de infra-estrutura no país, o que pode ser a causa do fracasso da reforma fiscal no Brasil. Na tabela 1, percebe-se um leve crescimento da participação do governo na geração de emprego no país, de 3,18% em 1989 para 3,42%, em 1995. Pode-se dizer, portanto, que o ajuste fiscal que é uma meta do governo de Fernando Henrique Cardoso desde 1994 adquiriu um caráter mais ideológico do que tornou-se efetivo. Atualmente, o governo tem que enfrentar o mesmo desafio que não pôde superar em 1994, que é criar uma reforma fiscal efetiva, e reconquistar a credibilidade do país frente aos credores internacionais.

Distribuição dos ocupados por grupos de ocupação segundo setores de atividade

População masculina e feminina

A população masculina foi duramente afetada pelo programa de abertura da economia brasileira, que vem se intensificando na década de noventa. Apesar de existir a possibilidade de que o governo brasileiro diminua o ritmo da abertura comercial do país, visando atenuar o déficit da Balança Comercial brasileira, trata-se de uma tendência inevitável do país. As indústrias que foram mais duramente afetadas foram exatamente aquelas que mais empregavam mão-de-obra masculina, ou seja, indústrias pesadas como metalúrgica e mecânica, entre outras. Estes acontecimentos provocaram um grande aumento da mão-de-obra desempregada masculina, particularmente a mão-de-obra menos qualificada, com menor grau de instrução ou muito especializada, que se restringe a processos de produção atingidos pela modernização do parque industrial brasileiro.

Setores de Atividade	1989					1995						
	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. apoio e serv. geral	Ocup. Lib., Exec. e Manut.	Ocup. Apoio e Admin. escrit.	Ocup. mal e definidas	Total	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. apoio e serv. geral	Ocup. Lib., Exec. e Manut.	Ocup. Apoio e Admin. escrit.	Ocup. mal e definidas	Total
Agrícola			100,00			100,00			100,00			100,00
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	4,54	2,27	53,41	35,23	4,55	100,00	9,09	5,46	60,00	21,82	3,64	100,00
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	16,66	16,66	33,33	33,35		100,00			33,33	50,00	16,67	100,00
Mobiliário e Artigos de palha			50,00	50,00		100,00			100,00			100,00
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos		4,00	51,99	36,01	8,00	100,00			71,43	21,43	7,14	100,00
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum., Sabão e Velas	8,34	4,17	37,50	41,66	8,33	100,00	12,50		62,50	25,00		100,00
Têxtil, Vestuário e Calçados	10,59	1,18	68,24	12,94	7,06	100,00	2,38		90,47	4,76	2,38	100,00
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	6,67	6,66	60,00	20,00	6,66	100,00	4,55		72,72	22,73		100,00
Editorial e Gráfica			53,85	46,15		100,00	20,00		60,00	15,00	5,00	100,00
Outros produtos	10,00		80,00	5,00	5,00	100,00	5,88	5,88	76,47	11,76		100,00
Indústria da Construção			79,99	20,01		100,00		10,00	60,00	20,00	10,00	100,00
Serviço de Utilidade Pública			49,98	50,02		100,00			50,00	50,00		100,00
Comércio de Mercadorias	3,03	1,52	76,51	17,42	1,52	100,00	7,27	0,61	80,61	11,52		100,00
Transporte	19,99		40,00	40,01		100,00	14,28		35,71	50,00		100,00
Comunicação	33,33		18,66	50,01		100,00		9,09	18,18	45,45	27,27	100,00
Alojamento e Alimentação			81,82	13,64	4,54	100,00	4,00		92,00	4,00		100,00
Reparação	24,99		50,02	24,99		100,00			100,00			100,00
Serviços Pessoais	13,34		80,00	6,66		100,00			91,18	5,88	2,94	100,00
Serviços Domiciliares			100,00			100,00			90,00	10,00		100,00
Empregada Doméstica			100,00			100,00			100,00			100,00
Divertimentos	19,99		60,02	19,99		100,00			91,67	8,33		100,00
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	10,14	5,80	23,19	56,52	4,35	100,00	7,45	8,51	42,55	36,17	5,32	100,00
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	16,00	14,00	42,01	22,00	6,00	100,00	3,39	28,82	50,85	11,86	5,08	100,00
Ensino	6,02	7,23	63,86	21,89	1,20	100,00		16,46	69,62	11,39	2,53	100,00
Outras Atividades Sociais		6,25	56,25	31,25	6,25	100,00	3,70	3,70	51,85	29,63	11,11	100,00
Governo		6,25	56,25	37,50		100,00	7,69		46,16	46,15		100,00
Entidades Financeiras	15,12	2,32	6,98	74,42	1,16	100,00	15,38	1,92	38,46	36,54	7,69	100,00
Outras atividades			50,00	50,00		100,00					100,00	100,00
total	7,48	3,51	55,67	29,94	3,39	100,00	5,39	5,28	67,87	17,98	3,48	100,00

OK

3 4 1 2 5 3 4 1 2 5

S. F. I.

Analisaremos o panorama do emprego masculino antes da abertura comercial e depois da abertura, assim como a dinâmica das mudanças que ocorreram neste período de transição.

Em 1989 a indústria brasileira empregava mais mão-de-obra masculina no ramo de Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transporte, com aproximadamente 14,1% do total de ocupações geradas para essa população. Em segundo lugar, o Comércio de Mercadorias empregava 13,4% da população masculina, seguida pela Indústria da Construção, com 9,9%, e pelo setor Agrícola, com 8,1% dos trabalhadores. Seguem-se nessa ordem o ramo de Transportes, com 5,8%, o setor de Reparação, com 5,3%, os Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, com 4,68%, os serviços no Governo, com 4,7%, as Entidades Financeiras, com 3,7%, e as indústrias de Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo. Estes setores da economia contribuíam conjuntamente para a geração de 72,8% dos empregos para a mão-de-obra masculina.

Já a população feminina tinha sua geração de empregos mais concentrada no ramo das Empregadas Domésticas, com 16,2% do total de empregos femininos, em segundo lugar, no Comércio de Mercadorias, com 12,8% do total de empregos, seguido pelo Ensino com 9,9%, em terceiro lugar. Em quarto lugar estava a indústria Têxtil, de Vestuário e de Calçados, com 8,4% do total, seguido pelos Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários com 6,5% do total e pelos Serviços Pessoais, com 5,2%. Em sétimo lugar estavam as Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp, com 4,9%, seguida pelas Entidades Financeiras, com 4,5% e pelos Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, com 4,2%. Em último lugar estava o segmento de Alojamento e Alimentação, com 4,1%.

Estes setores em conjunto contribuíam com 76,7% do total de empregos gerados para a população feminina.

A primeira diferença que se percebe entre os empregos masculinos e femininos é que os últimos são mais concentrados, o que é demonstrado na diferença entre o total de empregos gerados pelos dez maiores geradores de emprego entre as populações analisadas. Isto é, 76,7% dos empregos femininos concentram-se em dez setores, sendo que 72,8% dos empregos masculinos concentram-se em dez setores da economia.

O emprego mais expressivo feminino é o de empregada doméstica (16,2% do total), sendo que os mais expressivos empregos masculinos concentram-se nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transporte. Nesta relação fica nítida a separação que ocorre na maioria dos empregos, com relação ao sexo: enquanto que as mulheres predominam no setor de serviços, os empregos masculinos predominam entre as indústrias, à exceção das indústrias Têxteis, de Vestuário e de Calçados. Este perfil do mercado de trabalho começa a se modificar, como resultado das transformações econômicas que vêm ocorrendo no país.

A necessidade de redução de custos para aumento da competitividade do produto nacional e, portanto, da inserção do país no comércio mundial, faz com que empresas passem a contratar mais mulheres, que via de regra são uma mão-de-obra mais barata do que a masculina. Essa necessidade faz com que os salários femininos passem a se valorizar mais, em virtude do aumento da procura por mão-de-obra feminina. Ao mesmo tempo, processos de redução de custos, como a terceirização, contribuem para o crescimento do mercado terciário, que é

um mercado que emprega mulheres predominantemente, aumentando o emprego feminino. Estes fatores contribuem para aumentar a inserção feminina no mercado de trabalho, além do fato de que as mulheres também passam a entrar mais no mercado de trabalho, ou seja, aumenta a taxa de participação da PEA feminina.

Por outro lado, o aumento do desemprego masculino, com o recrudescimento de setores predominantemente masculinos na economia, e o crescimento de setores da economia predominantemente femininos, leva a população masculina a procurar trabalho em setores que antes eram dominados pela mão-de-obra feminina, apesar de ser limitado pelas características dos empregos predominantemente femininos, como por exemplo no caso das ocupações de empregadas domésticas. Porém estes fatores não impedem o aumento da participação masculina nestas atividades, apesar deste aumento ser inferior ao da participação feminina. Isso gera um fenômeno que nunca foi visto antes, que é o desemprego feminino. Porém como as mulheres antigamente não estavam muito voltadas para o mercado de trabalho, sendo este dominado pela mão-de-obra masculina, este fenômeno mostra-se inevitável.

Em 1995 o Comércio de Mercadorias é o setor de atividade que mais gera empregos dentre a população masculina, com 15,6% do total de empregos, demonstrando que o setor informal foi o que mais cresceu na economia. Em segundo lugar, as Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp. concentram 14% das ocupações, seguida pela Indústria da Construção em terceiro lugar, com 9,9% do total, ambas praticamente sem modificar sua participação nas ocupações masculinas. O setor de transporte ocupa quarto lugar, com 7,4% do total de empregos da população masculina, e aumentando sua participação de quinto lugar (em 1989) para quarto. Já em quinto lugar, os Setores Auxiliares da

Atividade Econômica, com 6,3%, demonstram um crescimento relativo expressivo, subindo de sétimo para quinto lugar dentre os maiores geradores de ocupação masculina. Em sexto lugar vem o setor de Reparação, com 6,1%, aumentando sua participação na geração de emprego mas sem modificar sua posição relativa em comparação aos outros setores. O setor de Alojamento e Alimentação vem aumentou sua participação de 3,5% para 4,6% e passou a fazer parte dos dez setores que mais geraram ocupações para a população masculina. As Entidades Financeiras, apesar de duramente atingidas pela abertura comercial e pela estabilização da economia, aumentaram a sua participação de 3,7% para 3,8% do total de empregos masculinos, passando de nono para oitavo setor, seguido pelos Serviços Domiciliares, que aumentaram de 1,6% no total para 3,6%, sendo que em 1988 nem sequer estavam entre os maiores setores empregatícios. O Governo, que está preso pela necessidade de saneamento do déficit público, empregou menos homens, passando de 4,2 para 3,5% do total de empregos masculinos, e caindo em uma posição, com relação aos outros setores. Em 1995 estes dez setores contribuem com 74,8% do total de empregos masculinos, demonstrando que houve uma maior concentração na geração de empregos. Os setores onde houve maior crescimento na geração de ocupações para a mão-de-obra masculina foram: o Comércio de Mercadorias, o Transporte, os Serviços Auxiliares da Atividade Econômica e nos Serviços Domiciliares, o que demonstra o crescimento dos setores de serviços na economia. Em alguns setores, como nas Entidades Financeiras e nos Serviços Domiciliares, a mão-de-obra masculina excedeu a feminina, ou seja, cresceu mais do que a feminina em um setor onde a maioria era mão-de-obra feminina.

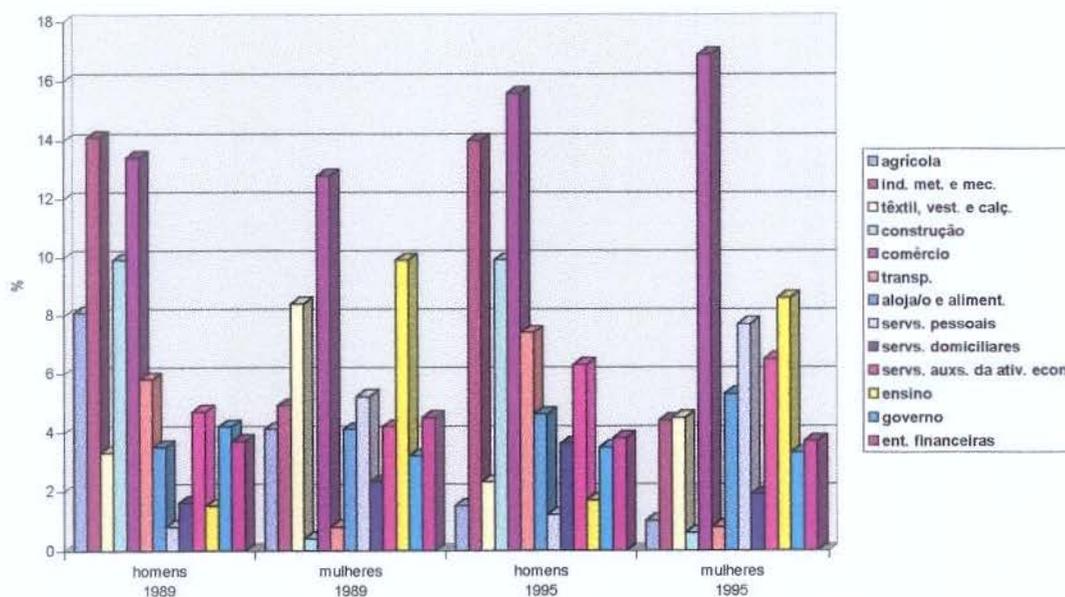
No que se refere à mão-de-obra feminina, nota-se que o Comércio de Mercadorias também passou a ser o primeiro grande gerador de ocupações,

gerando 16,9% do total de ocupações femininas. O serviço de empregada doméstica cai para a segunda posição relativa à 1989, apesar de crescer na proporção de geração de ocupações de 16,2% para 16,5%. O setor de Ensino também permanece na mesma posição com relação aos outros setores da economia, em terceiro lugar, sendo que sua participação na geração do total de ocupações caiu para 8,6%. Os Serviços Pessoais, além de aumentarem sua proporção de geração de ocupações de 5,2% para 7,7%, subiram com relação aos outros setores da economia de 6º para 4º lugar. O setor de Serviços Médicos Odontológicos e Veterinários, mantiveram-se exatamente na mesma posição, tanto na proporção de ocupações geradas como na posição geral. Por outro lado, os Serviços Auxiliares da Atividade Econômica aumentaram sua participação na geração de ocupações de 4,2% para 6,5%, subindo para a quinta posição e permanecendo na mesma posição do Serviço Odontológico e Veterinário. O setor de Alojamento e Alimentação foi um dos que mais subiu em sua posição com relação aos outros setores, passando de 10º para 6º lugar, sem modificar demasiadamente sua proporção no total de ocupações, de 4,1 para 5,3%. O setor Têxtil, de Vestuário e de Calçados foi um dos que mais sofreu com a concorrência de empresas estrangeiras após a abertura comercial, passando de 8,4% do total de ocupações para 4,5%, e caindo da 4ª para a 7ª posição. As indústrias Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transporte tiveram uma pequena redução em sua participação, passando a gerar de 4,9% para 4,4% das ocupações, e caindo para a 8ª posição relativa. Finalmente, as Entidades Financeiras demonstraram uma redução em sua participação no total de ocupações geradas, de 4,5% para 3,7% e passando da condição de ocupação tradicionalmente feminina para masculina, apesar de ter diminuído sua participação no total de geração de empregos para ambos os sexos. Isso pode indicar que a

população que mais foi afetada pela automação dos serviços financeiros, que era essencialmente composta de cargos não-administrativos, era feminina.

No total, os dez setores que mais geravam emprego feminino em 1995 contribuíam com 80,6%, indicando que houve uma concentração do mercado de trabalho feminino principalmente nos setores de Comércio de Mercadorias, Serviços Pessoais e nos Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, que foram os serviços onde o emprego de mão-de-obra feminina mais cresceu. Ainda nos setores de Comércio de Mercadorias e Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, a participação feminina no total das ocupações não só cresceu como ultrapassou a participação masculina.

Distribuição dos sexos por setores de atividade no Brasil



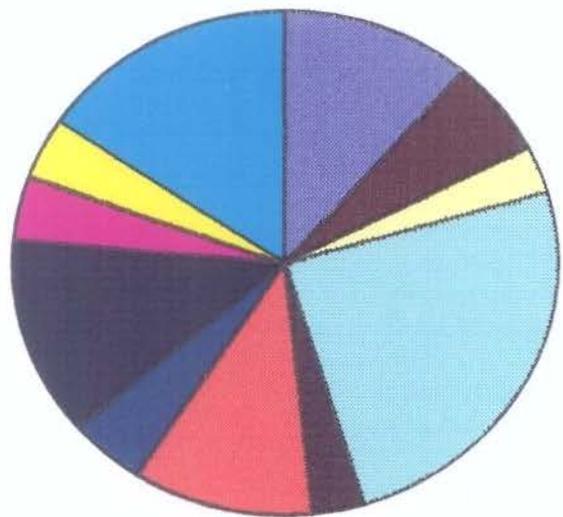
Fonte: PNAD 1989 e 1995

Setores de Atividade	1989		1995	
	homens	mulheres	homens	mulheres
agrícola	8,1	4,1	1,5	1
ind. met. e mec.	14,1	4,9	14	4,4
têxtil, vest. e calç.	3,3	8,4	2,3	4,5
construção	9,9	0,4	9,9	0,6
comércio	13,4	12,8	15,6	16,9
transp.	5,8	0,8	7,4	0,8
aloja/o e aliment.	3,5	4,1	4,6	5,3
servs. pessoais	0,8	5,2	1,2	7,7
servs. domiciliares	1,6	2,3	3,6	1,9
servs. auxs. da ativ. econ.	4,7	4,2	6,3	6,5
ensino	1,5	9,9	1,7	8,6
governo	4,2	3,2	3,5	3,3
ent. financeiras	3,7	4,5	3,8	3,7
Total	74,6	64,8	75,4	65,2

Adrian

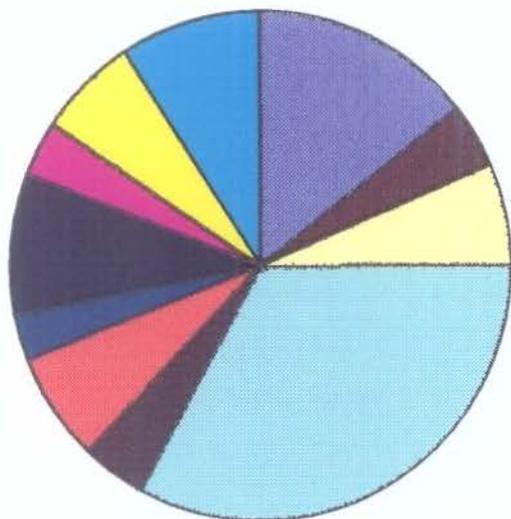
Fonte: PNAD 1989 e 1995

1989



- Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.
- Têxtil, Vestuário e Calçados
- Indústria da Construção
- Comércio de Mercadorias
- Transporte
- Alojamento e Alimentação
- Reparação
- Empregada Doméstica
- Serviços Auxiliares da Atividade Econômica
- Ensino
- Governo
- Entidades Financeiras

1995



- Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.
- Têxtil, Vestuário e Calçados
- Indústria da Construção
- Comércio de Mercadorias
- Transporte
- Alojamento e Alimentação
- Reparação
- Empregada Doméstica
- Serviços Auxiliares da Atividade Econômica
- Ensino
- Governo
- Entidades Financeiras

No que se refere aos grupos de ocupação, percebe-se que o grupo mais expressivo tanto entre mulheres quanto entre homens é o grupo das ocupações executivas e de manutenção, que representa aproximadamente 72% do total de ocupações masculinas, e mais de 67% do total das ocupações femininas. Em segundo lugar, os proprietários, administradores, magistrados e afins representam quase 12% das ocupações masculinas observadas, enquanto que as ocupações de apoio administrativo e escritório representam 17% das ocupações femininas, demonstrando assim que ainda existe uma segregação por sexo nos grupos de ocupação. As ocupações de apoio administrativo e escritório representam apenas 8,6% das ocupações masculinas observadas, enquanto que o grupo dos proprietários, administradores, magistrados e afins representam apenas 8,4% das ocupações femininas observadas. Os dados reforçam a idéia de que, em geral, postos mais altos (geralmente ligados a cargos administrativos) ainda são ocupações onde a presença masculina é dominante. Finalmente, em último lugar, encontram-se as ocupações científicas, profissionais liberais, de apoio e serv. geral, representando 3,8 das ocupações masculinas e 4,1 das ocupações femininas.

Já em 1995, observa-se primeiramente que não houve mudanças relativamente entre os grupos de ocupação, apesar de ter havido mudanças qualitativas significativas. As ocupações executivas e de manutenção, permanecendo em primeiro lugar no total de ocupações observadas, passaram a ser mais expressivas entre o sexo feminino, passando a ocupar quase 77% do total de ocupações femininas (e demonstrando um crescimento bastante expressivo), e representando aproximadamente 75% das ocupações masculinas. Esses dados

Distribuição dos ocupados por setores de atividade - população masculina e feminina
 SEGUNDO GRUPOS DE OCUPAÇÃO

Setores de Atividade	Grupo de Ocupação																		
	1989									1995									
	Prop. Admin, magistr. e afins		Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral		Ocup. Exec. e Manut.		Ocup. Apoio Admin. e escrit.		Total	Prop. Admin, magistr. e afins		Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral		Ocup. Exec. e Manut.		Ocup. Apoio Admin. e escrit.		Total	
pm	pf	pm	pf	pm	pf	pm	pf		pm	pf	pm	pf	pm	pf	pm	pf			
Agrícola	14,3	22,2			85,7	77,8			100	3,9				96,1	97,1			2,9	100
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	7,3	3,8	3,9	1,6	74,5	64,5	8,7	25,1	100	10,3	9,7	2,6	3,9	76,9	61,0	5,4	18,2	100	
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	9,0	19,1	1,1	9,5	68,5	33,3	9,0	28,6	100	19,4		3,2		68,8	58,3	5,4	33,3	100	
Mobiliário e Artigos de palha	11,0	16,7	0,9		82,6	50,0	4,6	16,7	100	8,2		1,2		85,9	87,5	3,5	12,5	100	
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	14,7	13,1	3,3	1,6	68,7	55,7	8,7	23,0	100	16,0	4,9	3,0	2,4	75,0	70,7	1,0	12,2	100	
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum, Sabão e Velas	16,5	11,5	4,6	3,8	58,7	50,0	11,0	26,9	100	20,4	8,8	8,2	5,9	56,1	52,9	7,1	20,6	100	
Têxtil, Vestuário e Calçados	10,4	7,8	1,8	1,3	73,0	77,2	10,4	8,6	100	16,1	5,1	1,7	0,6	74,6	88,5	5,1	4,5	100	
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	19,0	6,4	1,7	2,1	71,9	76,6	5,0	12,8	100	23,5	6,7	2,6		64,3	76,0	2,6	14,7	100	
Editorial e Gráfica	11,8	3,7	1,0		73,5	59,3	9,8	29,6	100	12,5	22,2			80,2	63,9	3,1	11,1	100	
Outros produtos	7,5	5,1	1,9	2,6	66,0	74,4	13,2	7,7	100	17,8	13,2	4,4	2,6	62,2	76,3	8,9	7,9	100	
Indústria da Construção	4,3		2,2		88,1	50,0	4,9	50,0	100	6,8	19,0	3,3	19,0	88,6	38,1	1,2	19,0	100	
Extração Mineral	9,1		9,1		72,7				100	12,5				87,5				100	
Serviço de Utilidade Pública	6,1	50,0	8,2		67,3	20,0	12,2	30,0	100	4,3	17,6	10,9		76,1	52,9	4,3	29,4	100	
Comércio de Mercadorias	17,5	8,8	0,5	0,9	73,9	78,7	5,8	10,4	100	17,0	11,5	0,4	0,3	75,2	81,7	5,5	6,0	100	
Transporte	5,4	7,7	0,7	3,8	88,1	50,0	4,1	38,5	100	5,7	13,8	0,3		86,2	48,3	5,7	37,9	100	
Comunicação	11,1	13,3	5,6		77,8	46,7	5,6	33,3	100	10,0	5,3	10,0	10,5	55,0	36,8	22,5	31,6	100	
Alojamento e Alimentação	22,4	15,4			73,8	78,6	1,1	5,1	100	13,9	6,5			83,6	89,7	1,7	2,2	100	
Reparação	10,7	22,2			86,8	44,5	0,8	33,3	100	4,4	31,3			92,7	56,3	0,3	6,3	100	
Serviços Pessoais	3,9	4,2			94,1	95,0		0,8	100	4,8	1,1			90,5	97,0	3,2	1,1	100	
Servilços Domiliares	7,4	2,0			90,5	96,0			100	3,7	7,5	0,5		89,4	88,1	1,6	3,0	100	
Empregada Doméstica					100,0	99,2		0,3	100					100,0	100,0			100	
Diversões	11,8	41,7			82,3	50,0		8,3	100	10,5	10,5	2,6		68,4	78,9	5,3	5,3	100	
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	18,4	14,3	16,6	8,2	43,3	32,0	19,1	42,9	100	10,6	8,8	24,6	9,3	46,8	49,1	14,9	29,2	100	
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	4,1	8,9	35,1	17,3	51,4	59,2	4,1	10,6	100	8,2	3,1	38,8	21,4	45,9	63,8	5,9	7,6	100	
Ensino	8,2	6,9	21,9	13,7	56,2	67,2	12,3	11,5	100	8,1	5,4	27,9	19,4	53,5	66,6	8,1	6,4	100	
Outras Atividades Sociais	8,1	8,7	5,4	5,8	51,4	43,5	24,3	18,8	100	13,1	3,6	9,8	6,0	62,3	64,3	13,1	21,4	100	
Governo	7,1	14,7	4,5	6,7	78,7	41,3	7,7	37,3	100	14,4	12,2	5,5	3,5	61,9	55,7	11,6	26,1	100	
Entidades Financeiras	27,1	17,0	3,6	2,5	28,4	9,4	38,2	67,9	100	19,8	14,1	5,6	3,9	49,7	45,3	17,8	28,9	100	
Outras atividades	8,3	33,3			33,3			16,7	100					33,3				100	
Total	11,9	8,4	3,8	4,1	72,1	67,2	8,6	17,0	100	11,4	6,6	4,6	4,6	75,2	76,8	5,6	9,5	100	

reforçam a idéia de que as mulheres vêm concorrendo com a mão-de-obra masculina, e ganhando espaço.

Já nas ocupações relativas a proprietários, administradores, magistrados e afins, as mulheres demonstraram uma redução em sua participação, caindo de 8,4% em 1989 para 6,6% em 1995. Apesar disso, trata-se de um grupo de ocupações que vêm perdendo espaço comparativamente aos outros grupos, como demonstra a queda de sua participação também com relação à população masculina, caindo para 11,4%. Trata-se de um grupo bastante afetado pelas mudanças na economia, principalmente em virtude dos processos de reestruturação que vêm sofrendo as grandes empresas, e pelas dificuldades que vêm enfrentando as pequenas empresas, como consequência da política de juros altos praticada pelo governo. Da mesma forma, as ocupações de apoio administrativo e de escritório perderam participação relativamente às outras ocupações, caindo para 5,6% do total das ocupações masculinas observadas e para 9,5% das femininas. Neste caso, a participação das mulheres caiu bem mais do que a masculina.

Finalmente, as ocupações científicas, os profissionais liberais e de apoio e serviço geral permanecem em último lugar, porém apresentando um leve aumento relativamente aos outros grupos. Neste caso, tanto as mulheres quanto os homens passaram a se ocupar em 4,6% do total observado neste grupo. O crescimento do setor de serviços e a desregulamentação do emprego formal são indicados como as causas desse crescimento, em contraposição aos empregos formais.

Outro aspecto a ser observado é a inserção das filhas no mercado de trabalho, ou seja, mulheres que ainda residem com a família. A focalização da mão-de-obra feminina somente no grupo das filhas analisadas, segundo a classificação da PNAD referente à condição na família dos indivíduos observados, o que nos permite estabelecer relações entre as condições de inserção da mulher e se isso modifica sua inserção.

A maior parte deste grupo atuava, em 1989, no comércio de mercadorias, representando 15,4% do total de ocupações analisadas. Em segundo lugar, as indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte eram responsáveis pela ocupação de 10,3% do total de mulheres analisadas, seguidas pelas entidades financeiras, representando 10% do total, e pelas indústrias têxteis, de vestuário e de calçados, com 9,9% do total de ocupações. O ensino ocupava o quinto lugar, com 9,7% do total, seguido pelos serviços auxiliares da atividade econômica, com 8,1%, pelo serviço médico, odontológico e veterinário, com 5,8%, e pelos serviços de empregada doméstica, com 5,5%. Nota-se, portanto, que é uma composição do total da população feminina, principalmente no que se refere ao setor das empregadas domésticas, onde a presença das filhas é bem mais baixa, e aos setores de indústrias metalúrgicas e às entidades financeiras, onde a sua presença é bem maior.

Em 1995 observa-se que houve modificação intensa na composição das ocupações deste grupo, baseada na intensificação das ocupações no comércio de mercadorias, serviços auxiliares da atividade econômica e das empregadas

*m de está
esse valor?*

*É necessário
uma tabela*

*Resumo
da
distribuição
das ocupações*

*do
1989
para 1995*

domésticas, e redução na participação dos demais setores de atividade na geração de ocupações para esta categoria.

O comércio de mercadorias passa a representar, em 1995, 18,5% das ocupações observadas, seguido pelos serviços auxiliares da atividade econômica, que aumentam sua participação para 10,6% do total, e pelo ensino, onde as filhas perdem participação para 8,9% do total. O serviço de empregadas domésticas aumenta para 7,6% do total, seguido pelos serviços médicos, odontológicos e veterinários, que perdem participação e caem para 6,6%. Também o setor das indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte perde participação, caindo para 6,2% do total. As ocupações relacionadas às entidades financeiras sofrem uma grande redução também, caindo para 5,8%, assim como o setor têxtil, de vestuário e de calçados, que cai para 4,7% do total das ocupações.

A primeira característica que se observa nesta categoria de ocupações é a rapidez com que se modifica a participação das filhas, caracterizando um mercado mais flexível. Possivelmente a menor dependência dessa categoria com relação ao emprego associada a uma idade mais baixa possa viabilizar uma maior mobilidade entre os setores de atividade. Por outro lado, a rapidez com que se expandiram as ocupações relacionadas à prestação de serviços, como no comércio e no setor de empregadas domésticas, e com que se reduziu a participação dos outros setores, pode indicar uma maior vulnerabilidade à precarização da ocupação dessa categoria. Isso indica que a expansão da participação das filhas ocorreu mais como uma estratégia de complementação de renda, consequência de uma conjuntura desfavorável, do que uma tendência de longo prazo .

Inserção das filhas no mercado de trabalho

Outro aspecto a ser observado é a inserção das filhas no mercado de trabalho, ou seja, mulheres que ainda residem com a família. A focalização da mão-de-obra feminina somente no grupo das filhas analisadas, segundo a classificação da PNAD referente à condição na família dos indivíduos observados, o que nos permite estabelecer relações entre as condições de inserção da mulher (pelo fato de não ser chefe de família e, portanto, de não ter que sustentar a família) e se isso modifica sua inserção. A tabela ^{1.4} ~~1.3~~ apresenta os dados referentes à composição das ocupações das filhas por setores de atividade, segundo os grupos de ocupação.

A maior parte deste grupo atuava, em 1989, no comércio de mercadorias, representando 15,4% do total de ocupações analisadas. Em segundo lugar, as indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte eram responsáveis pela ocupação de 10,3% do total de mulheres analisadas, seguidas pelas entidades financeiras, representando 10% do total, e pelas indústrias têxteis, de vestuário e de calçados, com 9,9% do total de ocupações. O ensino ocupava o quinto lugar, com 9,7% do total, seguido pelos serviços auxiliares da atividade econômica, com 8,1%, pelo serviço médico, odontológico e veterinário, com 5,8%, e pelos serviços de empregada doméstica, com 5,5%. Nota-se, portanto, que é uma composição do total da população feminina, principalmente no que se refere ao setor das empregadas domésticas, onde a presença das filhas é bem mais

Distribuição dos ocupados por setores de atividade segundo grupos ocupacionais
somente filhas

Setores de Atividade	Grupos de ocupação											
	1989						1995					
	Prop. Admin. magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total	Prop. Admin. magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total
Agrícola			0,2			0,1			1,5			1,0
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	6,2	6,7	9,9	12,1	13,8	10,3	10,4	6,4	5,5	7,5	6,5	6,2
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	1,6	3,3	0,4	0,8		0,7			0,3	1,9	3,2	0,7
Mobiliário e Artigos de palha			0,2	0,4		0,2			0,5			0,3
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos		3,3	2,7	3,5	6,9	2,9			1,7	1,9	3,2	1,6
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum., Sabão e Velas	3,1	3,3	1,9	3,9	6,9	2,8	2,1		0,8	1,2		0,9
Têxtil, Vestuário e Calçados	14,1	3,3	12,2	4,3	20,7	9,9	2,1		6,3	1,3	3,2	4,7
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	1,6	3,3	1,9	1,2	3,4	1,8	2,1		2,6	3,1		2,5
Editorial e Gráfica			1,5	2,3		1,5	8,3		2,0	1,9	3,2	2,2
Outros produtos	3,1		3,4	0,4	3,4	2,3	2,1	2,1	2,2	1,2		1,9
Indústria da Construção			0,8	0,4		0,6		2,1	1,0	1,2	3,2	1,1
Serviço de Utilidade Pública			0,2	0,4		0,2			0,2	0,6		0,2
Comércio de Mercadorias	6,2	6,7	21,2	9,0	6,9	15,4	25,0	2,1	22,0	11,9		18,5
Transporte	3,1		0,8	1,6		1,2	4,2		0,8	4,4		1,6
Comunicação	3,1		0,2	1,2		0,7		2,1	0,3	3,1	9,7	1,2
Alojamento e Alimentação			3,8	1,2	3,4	2,6	2,1		3,8	0,6		2,8
Reparação	1,6		0,4	0,4		0,5			0,5			0,3
Serviços Pessoais	3,1		2,5	0,4		1,8			5,1	1,2	3,2	3,8
Serviços Domiciliares			1,3			0,7			1,5	0,6		1,1
Empregada Doméstica			9,9			5,5			11,3			7,6
Divertimentos	1,6		0,6	0,4		0,6			1,8	0,6		1,3
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	10,9	13,3	3,4	15,2	10,3	8,1	14,6	17,0	6,6	21,2	16,1	10,6
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	12,5	23,3	4,4	4,3	10,3	5,8	4,2	36,2	5,0	4,4	9,7	6,6
Ensino	7,8	20,0	11,1	7,0	3,4	9,7		27,7	9,1	5,6	6,5	8,9
Outras Atividades Sociais		3,3	1,9	2,0	3,5	1,9	2,1	2,1	2,3	5,0	9,7	3,0
Governo		3,3	1,9	2,3		1,9	4,2		2,0	7,5		2,9
Entidades Financeiras	20,3	6,7	1,3	25,0	3,5	10,1	16,7	2,1	3,3	11,9	12,9	5,8
Outras atividades				0,4	3,4	0,2					9,7	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 1.4

baixa, e aos setores de indústrias metalúrgicas e às entidades financeiras, onde a sua presença é bem maior.

Em 1995 observa-se que houve modificação intensa na composição das ocupações deste grupo, baseada na intensificação das ocupações no comércio de mercadorias, serviços auxiliares da atividade econômica e das empregadas domésticas, e redução na participação dos demais setores de atividade na geração de ocupações para esta categoria.

O comércio de mercadorias passa a representar, em 1995, 18,5% das ocupações observadas, seguido pelos serviços auxiliares da atividade econômica, que aumentam sua participação para 10,6% do total, e pelo ensino, onde as filhas perdem participação para 8,9% do total. O serviço de empregadas domésticas aumenta para 7,6% do total, seguido pelos serviços médicos, odontológicos e veterinários, que perdem participação e caem para 6,6%. Também o setor das indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte perde participação, caindo para 6,2% do total. As ocupações relacionadas às entidades financeiras sofrem uma grande redução também, caindo para 5,8%, assim como o setor têxtil, de vestuário e de calçados, que cai para 4,7% do total das ocupações.

A primeira característica que se observa nesta categoria de ocupações é a rapidez com que se modifica a participação das filhas, caracterizando um mercado mais flexível. Possivelmente a menor dependência dessa categoria com relação ao emprego associada a uma idade mais baixa possa viabilizar uma maior mobilidade entre os setores de atividade. Por outro lado, a rapidez com que se expandiram as ocupações relacionadas à prestação de serviços, como no comércio e no setor de empregadas domésticas, e com que se reduziu a participação dos outros setores,

Distribuição dos ocupados por setores de atividade segundo grupos ocupacionais -
Somente chefes mulheres

Setores de Atividade	Grupos de ocupação												
	1989,00						1995,00						
	Prop. Admin. magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total	Prop. Admin. magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total	
Agrícola	1,9					0,2						1,0	0,8
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	3,7	4,2	5,6	8,0	15,4	5,8	5,8	3,1	3,7	5,9	17,6	4,3	
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	3,7	4,2	0,6			1,0			0,7			0,6	
Mobiliário e Artigos de palha			0,3		7,7	0,4							
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	7,4		1,4	4,0		2,2			1,4	2,0	5,9	1,4	
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum, Sabão e Velas	1,9	4,2	1,9		7,7	2,0	1,9		0,7	2,0		0,8	
Têxtil, Vestuário e Calçados	1,9	4,2	8,6		15,4	7,0	1,9		5,6	2,0		4,7	
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo			3,3	6,0		3,0			2,4	3,9	11,8	2,5	
Editorial e Gráfica	1,9		1,1			1,0	3,8		0,3			0,6	
Outros produtos		4,2	0,8	2,0	15,4	1,4	3,8		0,9			1,0	
Indústria da Construção				2,0		0,2		6,2		2,0		0,4	
Serviço de Utilidade Pública	5,6		0,3			0,8	1,9		0,9	3,9		1,1	
Comércio de Mercadorias	9,3	4,2	11,7	4,0		10,0	25,0		14,8	15,7	11,8	14,9	
Transporte		4,2	1,4			1,2	1,9		0,5	2,0		0,7	
Comunicação			0,6			0,4	1,9		0,5			0,6	
Alojamento e Alimentação	5,6		6,7	4,0		5,8	9,6		6,3	2,0		5,8	
Reparação			0,3	2,0		0,4	3,8					0,3	
Serviços Pessoais	1,9		4,2			3,2	3,8		11,3	2,0		9,4	
Serviços Domésticos			5,0		7,7	3,8	5,8		2,1	2,0	5,9	2,3	
Empregada Doméstica			24,0			17,2			24,9			19,7	
Divertimentos	3,7		0,3			0,6	1,9		0,2			0,3	
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	9,3	4,2	3,3	16,0		5,2	3,8	12,5	4,5	21,6	5,9	6,1	
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	11,1	41,7	8,6	2,0	7,7	9,8	3,8	18,7	6,1	5,9	23,5	6,9	
Ensino	3,7	20,8	7,8	4,0		7,4	5,8	50,0	4,3	2,0		6,2	
Outras Atividades Sociais	5,6		0,8	8,0	23,1	2,6	3,8	3,1	2,3	11,8		3,0	
Governo	13,0	4,2	1,4	16,0		4,2	7,7	6,2	2,8	3,9	5,9	3,4	
Entidades Financeiras	7,4			22,0		3,0	1,9		1,9	9,8	11,8	2,6	
Outras atividades	1,9					0,2							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Tabela 1.5

pode indicar uma maior vulnerabilidade à precarização da ocupação dessa categoria. Isso indica que a expansão da participação das filhas ocorreu mais como uma estratégia de complementação de renda, consequência de uma conjuntura desfavorável, do que uma tendência de longo prazo .

Chefes mulheres

No que se refere às chefes mulheres, em 1989 observa-se uma forte concentração no setor das empregadas domésticas, representando mais de 17% do total de ocupações desta categoria. Em segundo lugar, o comércio de mercadorias representa 10% de todas as ocupações, seguido pelo serviço médico, odontológico e veterinário, com 9,8%, e pelo ensino, com 7,4%. A indústria têxtil representava 7% de toda essa população, seguida pelas indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte, com 5,8%, a mesma participação do setor de alojamento e alimentação. Finalmente encontravam-se os serviços auxiliares da atividade econômica, com 5,2%, e o governo, com 4,2%. A tabela ^{1.5}~~1.0~~ apresenta os dados referentes aos setores de atividade em que atuam as chefes mulheres, segundo grupos de ocupação.

Já em 1995, as empregadas domésticas permaneciam em primeiro lugar, aumentando sua participação para 19,67% do total de ocupações observadas. Também o comércio de mercadorias permaneceu em segundo lugar, aumentando sua participação para quase 15% do total observado. Os serviços pessoais surgem em terceiro lugar, crescendo intensamente de 3,2% para 9,35%, e deixando o serviço médico, odontológico e veterinário em quarto lugar, caindo de 9,8% para 6,88%. O ensino também perde participação, passando para 6,19% e caindo de quarto para quinto lugar. Os serviços auxiliares da atividade econômica aumentam

sua participação para 6%, aproximadamente, e crescendo para sexto lugar. O setor de alojamento e alimentação apresenta pouca diferença, apresentando pouco menor participação na geração de ocupações do que tinha em 1989, e caindo para sétimo lugar. O setor têxtil foi o que mais sofreu com a abertura comercial, e como as mulheres eram o grupo predominante nesta ocupação, fica explícita essa deterioração: sua participação na geração de ocupações cai de 7% para aproximadamente 4,5%, caindo para o oitavo setor em geração de ocupações. As indústrias metalúrgicas, mecânicas de mat. elet. e de transporte também perdem participação, caindo para aproximadamente 4%.

A principal característica que se observa na categoria das chefes de família no mercado de trabalho é uma menor mobilidade, principalmente se comparada às mulheres mais jovens. Isso pode indicar que estas ocupações são menos estratégias de complementação de renda do que trabalhos fixos. Apesar disso, grande parcela desta categoria ainda permanece em ocupações desqualificadas, como as ocupações domésticas, ou em ocupações mais precárias, como o comércio de mercadorias, setor caracterizado pela instabilidade das ocupações

Grupos de ocupação – chefes mulheres e filhas

A tabela 1.4.1. apresenta o panorama das ocupações das mulheres chefes de família, demonstrando que as ocupações executivas e de manutenção são as que tem maior participação neste mercado, com 71,8% do total. Em segundo lugar, as ocupações referentes a proprietários, administradores, magistrados e afins aparecem representando 10,8% do mercado. Trata-se de um indicador importante, já que costumam ser ocupações mais qualificadas, proporcionando maior nível de

CHEFES MULHERES

Setores de Atividade	Grupos de ocupação						Grupos de ocupação					
	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total	Prop. Admin, magistr. e afins	Ocup. científ., Prof. Lib., apoio e serv. geral	Ocup. Exec. e Manut.	Ocup. Apoio Admin. e escrit.	Ocup. mal definidas	Total
Agrícola	100,00					100,00						100,00
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	6,90	3,45	68,97	13,79	6,90	100,00	9,68	3,23	67,74	9,68	9,68	100,00
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	40,00	19,99	40,00			100,00			100,00			100,00
Mobiliário e Artigos de palha			50,00		50,00	100,00						100,00
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	36,37		45,45	18,18		100,00			80,00	10,00	10,00	100,00
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin, Perfum, Sabão e Velas	10,00	10,00	70,01		10,00	100,00	16,67		66,67	16,67		100,00
Têxtil, Vestuário e Calçados	2,86	2,86	88,57		5,72	100,00	2,94		94,12	2,94		100,00
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo			79,99	20,01		100,00			77,78	11,11	11,11	100,00
Editorial e Gráfica	19,99		80,01			100,00	50,00		50,00			100,00
Outros produtos		14,28	42,87		28,58	100,00	28,57		71,43			100,00
Indústria da Construção				100,00		100,00		66,67		33,33		100,00
Serviço de Utilidade Pública	74,99		25,01			100,00	12,50		62,51	25,00		100,00
Comércio de Mercadorias	10,00	2,00	84,00	4,00		100,00	12,04		78,70	7,41	1,85	100,00
Transporte		16,66	83,34			100,00	20,00		60,00	20,00		100,00
Comunicação			100,00			100,00	25,00		75,00			100,00
Alojamento e Alimentação	10,35		82,76	6,89		100,00	11,91		85,71	2,38		100,00
Reparação			49,98	50,02		100,00	100,00					100,00
Serviços Pessoais	6,25		93,75			100,00	2,94		95,59	1,47		100,00
Serviços Domiciliares			94,74		5,26	100,00	17,65		70,59	5,88	5,88	100,00
Empregada Doméstica			100,00			100,00			100,00			100,00
Divertimentos	66,67		33,33			100,00	50,00		50,00			100,00
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	19,23	3,84	46,15	30,77		100,00	4,55	9,09	59,09	25,00	2,27	100,00
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	12,24	20,41	63,27	2,04	2,04	100,00	4,00	12,00	70,00	6,00	8,00	100,00
Ensino	5,40	13,51	75,68	5,41		100,00	6,87	35,58	55,55	2,22		100,00
Outras Atividades Sociais	23,08		23,07	30,76	23,08	100,00	9,09	4,55	59,09	27,27		100,00
Governo	33,33	4,76	23,81	38,09		100,00	18,00	8,00	64,01	8,00	4,00	100,00
Entidades Financeiras	26,66			73,34		100,00	5,26		57,89	26,31	10,53	100,00
Outras atividades	100,00					100,00						100,00
Total	10,80	4,80	71,80	10,00	2,60	100,00	7,15	4,40	79,09	7,02	2,34	100,00

✓
D/C

Handwritten annotations and corrections below the table, including circled numbers and arrows pointing to specific rows and columns.

renda, e comprovando a idéia de que as mulheres estão se inserindo em ocupações de nível mais qualificado. As ocupações de apoio administrativo e de escritório aparecem em terceiro lugar, com 10 % do total, seguidas pelas ocupações científicas, profissionais liberais, de apoio e serviço geral.

A análise dos grupos de ocupação em 1995 mostra que não houve alteração relativa entre as ocupações, apesar de haverem modificações quantitativas significativas. As ocupações executivas e de manutenção foram as que apresentaram maior crescimento no período, passando a responder por mais de 79% do mercado. Isso indica que, a despeito da recessão do período, houve boa demanda por ocupações desse nível, para o público feminino, e o seu crescimento pode ser relacionado também com a redução de outros setores da economia. O grupo dos proprietários e administradores apresentou uma redução significativa, caindo para 7,15%, juntamente com as ocupações de apoio administrativo e de escritório, que caíram para aproximadamente 7%. A redução das ocupações nestes grupos demonstram a correlação existente entre eles, por pertencerem a áreas de atuação semelhantes e, conseqüentemente, passarem pelas mesmas dificuldades sofridas pelo setor. As ocupações científicas e os profissionais liberais sofreram uma pequena redução, permanecendo como o menor grupo de ocupação dentre os quatro.

Já as ocupações relacionadas às filhas apresentaram padrões semelhantes no que se refere à relação entre os grupos de ocupação, mas com variações bastante diferenciadas. A tabela 1.3.1 mostra que em 1989 o grupo das ocupações executivas e de manutenção representava 5,67% do total de ocupações analisadas, seguido pelas ocupações de apoio administrativo, com 29,94% do total,

pelos proprietários e administradores, com 7,48%, e pelas ocupações científicas e profissionais liberais.

Em 1995, apesar de não ter se alterado a ordem dessas ocupações, nota-se uma variação distinta da ocorrida com as chefes mulheres. As ocupações executivas e de manutenção aumentaram expressivamente, passando a ocupar 67,67% do total. Também foi expressiva a mudança nas ocupações de apoio administrativo e de escritório, caindo para 17,98% do total. Os proprietários e administradores também perderam espaço, porém de maneira menos significativa, caindo para 5,39%. Finalmente, as ocupações científicas e de profissionais liberais aumentaram para 5,28%, contrariamente ao que ocorreu com as chefes mulheres. Isso indica que houve um ingresso de profissionais qualificados jovens, a despeito da conjuntura econômica – o que reforça a idéia de que as mulheres mais qualificadas estão conquistando espaço.

Tipologia das ocupações por setores de atividade

A tipologia das ocupações é feita a partir da porcentagem de mulheres que existe em cada ocupação, permitindo-nos estabelecer as ocupações onde as mulheres dominam (Tipicamente femininas), onde os homens são dominantes (Tipicamente masculinas), e as ocupações de caráter mixto (Predominantemente femininas ou Predominantemente masculinas). Através destes dados podemos estabelecer se houve inserção feminina e/ou masculina, em setores de atividade onde prevalece o sexo oposto, e dessa maneira determinar se houve alteração na composição desses setores.

A tabela III~~4~~ apresenta esta composição para o total da população. Primeiramente, observa-se que as ocupações tipicamente masculinas predominam tanto em 1989 quanto em 1995, apesar de cair relativamente com relação às outras tipologias, de 35,45% em 1989 para 34,66% em 1995. Em segundo lugar, aparecem as ocupações predominantemente masculinas, com 31,37% do total em 1989, e aumentando para 31,56% em 1995. As ocupações predominantemente femininas ocupam a terceira posição, com 18,74% em 1989, e caindo para 16,92% em 1995, e as ocupações tipicamente femininas aparecem em último lugar, com 14,42% em 1989, e aumentando para 16,84% em 1995.

Nota-se portanto que houve um pequeno aumento no total, das ocupações predominantemente masculinas, juntamente com uma redução das ocupações tipicamente masculinas - o que indica que houve uma inserção feminina em setores tradicionalmente masculinos.

Tipologia das Ocupações											
Setores de Atividade	1989					1995					
	TM	PM	PF	TF	Total	TM	PM	PF	TF	Total	
Agrícola	34,08	61,36	—	—	4,54	100	2,67	90,17	—	0,89	100
Indústrias metal., mec. de mat. elet. e de transporte	73,97	16,32	6,02	3,67	3,67	100	77,27	10,34	9,65	2,72	100
Produtos de minerais não-metálicos e de madeira	68,75	23,21	2,67	5,35	5,35	100	79,04	16,19	—	4,76	100
Mobiliário e artigos de palha	88,42	4,95	2,47	4,13	4,13	100	92,47	5,37	—	2,15	100
Papel e papelão, borracha, couros, peles e plásticos	36,01	52,13	4,73	7,1	7,1	100	36,87	48,93	4,25	9,92	100
Química, petróleo, farmac., veterin., perfum., sabão e velas	39,13	42,85	8,07	9,93	9,93	100	53,78	28,78	9,09	8,33	100
Têxtil, vestuário e calçados	10,1	34,59	23,73	31,56	31,56	100	17,51	34,3	6,56	41,6	100
Produtos alimentares, bebidas e fumo	37,5	45,83	12,5	4,16	4,16	100	35,26	33,15	25,78	5,79	100
Editorial e gráfica	62,78	28,68	3,1	5,42	5,42	100	57,57	32,57	4,54	5,3	100
Outros produtos	33,69	32,6	14,12	19,56	19,56	100	26,5	28,91	21,68	22,89	100
Ind. da construção	98,42	—	—	1,57	1,57	100	96,65	1,11	0,55	1,67	100
Extração mineral	100	—	—	—	—	100	100	—	—	—	100
Serviços de utilidade pública	76,27	8,47	6,77	8,47	8,47	100	68,25	6,34	12,69	12,69	100
Comércio de mercadorias	29,82	51,8	15,68	2,68	2,68	100	12,37	76,45	5,12	6,04	100
Transporte	82,81	15	—	2,18	2,18	100	89,13	7	2,65	1,2	100
Comunicação	45,45	12,12	—	42,42	42,42	100	38,98	37,28	13,55	10,16	100
Alojamento e alimentação	31,66	40,66	20,66	7	7	100	8,03	46,09	43,49	2,36	100
Reparação	96,41	1,59	—	1,99	1,99	100	90,66	7,53	0,9	0,9	100
Serviços pessoais	12,86	3,5	18,13	65,49	65,49	100	10,94	3,34	24,31	61,39	100
Serviços domiciliares	44,83	4,82	48,96	1,37	1,37	100	58,2	33,2	5,07	3,51	100
Empregada doméstica	1,03	1,8	—	97,16	97,16	100	3,43	—	—	96,56	100
Divertimentos	58,7	21,74	13,04	6,51	6,51	100	56,14	14,03	17,54	12,28	100
Serviços auxiliares da atividade econômica	39,85	40,56	12,5	7,07	7,07	100	36,75	29,91	19,09	14,23	100
Serviço médico odontológico e veterinário	11,06	18,57	15,01	56,33	56,33	100	9,7	3,55	27,5	59,22	100
Ensino	6,56	6,56	18,5	68,35	68,35	100	4,41	5,45	33,76	56,36	100
Outras atividades sociais	17,92	9,43	42,45	30,19	30,19	100	35,17	2,75	22,06	40	100
Governo	50,86	22,6	15,21	11,3	11,3	100	47,63	13,85	27,02	11,48	100
Entidades financeiras	18,74	41,14	34,11	5,98	5,98	100	30,46	52,61	6,76	10,15	100
Outras atividades	27,78	55,55	—	16,66	16,66	100	23,07	76,92	—	—	100
Total	35,45	31,37	18,74	14,42	14,42	100	34,66	31,56	16,92	16,84	100

Fonte: IBGE, 1989 e 1995

No que se refere às ocupações tipicamente masculinas, observa-se que não houve inserção feminina, como demonstram os setores de extração mineral, transporte, e de mobiliário e artigos de palha. A exceção fica com o setor de reparação, no qual diminuem as ocupações tipicamente masculinas, assim como na indústria da construção.

Porém observando-se as ocupações predominantemente masculinas, observa-se uma diminuição de sua presença em setores onde a mão-de-obra masculina antes era dominante, principalmente nos serviços auxiliares da atividade econômica, onde estas ocupações caem de 40,56% para 29,91%, no setor químico e farmacêutico, onde as ocupações PM caem de 42,85% para 28,78%, entre outros, como papel e papelão, caindo de 52,13% para 48,93%, e no setor de produtos alimentares, caindo de 45,83% para 33,15%. Por outro lado, em alguns setores há concentração de mão-de-obra masculina, como em entidades financeiras, onde passa de 41,14% para 52,61% e no comércio de mercadorias, onde as ocupações PM passam de 51,8% para mais de 76% do total.

De outro lado, a redução das ocupações predominantemente femininas indica que houve, também, inserção masculina em setores tradicionalmente femininos, sendo que o aumento das ocupações tipicamente femininas indica que houve crescimento da presença feminina principalmente em setores tradicionalmente femininos, o que demonstra que a inserção masculina nestes setores foi fraca.

Observando-se setorialmente as ocupações tipicamente femininas, observa-se que apesar de terem diminuído no total, houveram importantes

modificações setoriais: nos setores onde as ocupações tipicamente femininas predominavam, houve redução em sua composição, como demonstram os setores de serviços domiciliares, que caem de 48,96% para 5,07%, as outras atividades sociais, passando de 42,25% para 22,06%, e as entidades financeiras, passando de 34,11% para 6,76%. Por outro lado, em setores onde a presença feminina não era tão marcante, esta aumentou, como em no ensino, passando de 18,5% para 33,76%, no setor de alojamento e alimentação, passando de 20,66% para 43,49%, e em produtos alimentares, bebidas e fumo, que passou de 12,5% para 25,78%. Isso indica que ocorreu uma intensificação da concorrência nestes setores, entre homens e mulheres - principalmente com a redução dos empregos masculinos, com a reestruturação industrial. O mesmo fenômeno se nota em setores tipicamente femininos, ou seja, de intensificação da concorrência entre homens e mulheres em setores tradicionalmente femininos.

A análise da tabela III.1 mostra como se alterou a composição do mercado de trabalho masculino no período de 1989 a 1995, pela tipologia das ocupações em cada setor de atividade. Os dados mostram que as ocupações masculinas, em 1989, concentravam-se em setores tipicamente masculinos, representando 53,45% do total das ocupações, seguidas pelos setores onde predominavam as ocupações predominantemente masculinas, com 33,65%, e depois pelas ocupações predominantemente femininas com 11,36% e finalmente, nos setores onde predominam as ocupações tipicamente femininas, com 1,52%.

Em 1995 observa-se que a inserção masculina em setores tradicionalmente femininos, se observada pelo total das ocupações, foi muito fraca, ocorrendo aumento da participação masculina somente nas categorias predominantemente masculino e tipicamente masculino. Porém a observação de setores

TIPOLOGIAS DE OCUPAÇÃO SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE - SOMENTE HOMENS

Setores de Atividade	1989					1995				
	TM	PM	PF	TF	TOTAL	TM	PM	PF	TF	TOTAL
Agrícola	9,67	90,32			100,00	4,28	95,71			100,00
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	45,49	30,57	19,32	4,60	100,00	87,05	8,53	4,40		100,00
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	42,39	39,28	18,32		100,00	87,09	12,90			100,00
Mobiliário e Artigos de palha	42,39	39,28	18,32		100,00	96,47	3,52			100,00
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	23,40	57,24	19,35		100,00	50,99	47,00	2,00		100,00
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin, Perfum, Sabão e Velas	21,28	38,90	39,81		100,00	70,40	25,51	4,08		100,00
Têxtil, Vestuário e Calçados	13,94	36,21	32,18	17,65	100,00	39,83	50,84	4,23	5,08	100,00
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	19,41	52,71	27,86		100,00	54,78	33,91	11,30		100,00
Editorial e Gráfica	29,54	60,74	9,71		100,00	69,79	28,12	2,08		100,00
Outros produtos	15,83	26,12	58,04		100,00	48,89	33,34	17,78		100,00
Indústria da Construção	100,00				100,00	99,22	0,58	0,19		100,00
Extração Mineral	100,00				100,00	100,00				100,00
Serviço de Utilidade Pública	40,90	35,44	23,64		100,00	91,30	4,34	4,34		100,00
Comércio de Mercadorias	17,02	62,18	20,79		100,00	20,00	75,97	3,29	0,73	100,00
Transporte	40,42	59,59			100,00	94,28	4,93	0,77		100,00
Comunicação	38,46	61,53			100,00	57,50	37,49	5,00		100,00
Alojamento e Alimentação	29,88	36,90	38,77	4,43	100,00	13,44	49,57	36,97		100,00
Reparação	87,91	12,08			100,00	93,98	5,69	0,31		100,00
Serviços Pessoais	13,04	6,51	43,48	36,95	100,00	52,38	9,52	36,50	1,58	100,00
Serviços Domiciliares	68,42	5,26	26,31		100,00	75,13	22,75	2,11		100,00
Empregada Doméstica	19,04	23,80	57,14		100,00	43,90	56,09			100,00
Divertimentos	76,46	17,65	5,88		100,00	81,57	10,52	7,89		100,00
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	56,31	36,82	6,85		100,00	55,62	29,78	13,07	1,51	100,00
Serviço Médico Odontológico e Veterinário	37,83	40,53	14,86	6,76	100,00	34,11	7,05	41,17	17,64	100,00
Ensino	15,22	31,48	29,06	24,22	100,00	18,60	15,11	39,53	26,74	100,00
Outras Atividades Sociais	51,34	13,51	32,43	2,70	100,00	80,32	3,27	14,75	1,63	100,00
Governo	72,90	19,35	7,09	0,64	100,00	72,37	11,60	14,91	1,10	100,00
Entidades Financeiras	30,22	43,11	26,67		100,00	44,66	50,76	4,06	0,50	100,00
Outras atividades	41,66	58,33			100,00	33,34	66,66			100,00
Total	53,45	33,65	11,36	1,52	100,00	54,80	32,98	10,68	1,51	100,00

TABELA III.1

individualmente mostra que esta inserção não foi somente em setores tipicamente masculinos, como indústrias metalúrgicas e mecânicas, que passaram a ter de 45,49% para 87,05% de suas ocupações tipicamente masculinas, mas também em setores não - tipicamente masculinos, como o comércio de mercadorias, que passaram de 62,18% para 75,97%, o setor têxtil, passando a ter de 13,94% de ocupações tipicamente masculinas para 39,83%, e até mesmo o setor das empregadas domésticas, que passou a ter de 19,04% das ocupações tipicamente masculinas para 39,83% nesta categoria.

Porém os dados mostram que em quase todos os setores predominantemente femininos e tipicamente femininos, a presença masculina caiu, à exceção do serviço médico, odontológico e veterinário, onde a presença masculina subiu de 14,86% para 41,17% em ocupações predominantemente femininas, e do ensino, onde a presença masculina subiu de 29,06% para 39,53% em ocupações predominantemente femininas.

Já a análise da inserção feminina isoladamente, que pode ser constatada a partir da tabela III.2, demonstra claramente uma evolução da presença feminina, não somente em ocupações que eram femininas tradicionalmente, mas também nas ocupações masculinas.

A análise do total dos setores de atividade, mostra que em 1989 as ocupações tipicamente femininas representavam 36,82% das ocupações femininas, seguidas pelas ocupações predominantemente femininas, com 31,56%, pelas ocupações predominantemente masculinas, com 27,4%, e pelas ocupações tipicamente masculinas, com 4,19%.

Já em 1995 as ocupações tipicamente femininas representavam 39,85% do mercado feminino, enquanto que as ocupações predominantemente masculinas passaram a frente, ocupando a segunda posição, com 29,43% do total das ocupações femininas - demonstrando uma inserção feminina agressiva no mercado de trabalho masculino. Em terceira posição, as ocupações predominantemente femininas ocupavam 26,29% em 1995 e as ocupações masculinas, 4,41%. Isso demonstra que as mulheres estão crescendo primeiramente nas áreas de atuação que ocupam tradicionalmente (isto é, onde têm uma vantagem comparativa com relação aos homens), e em segundo lugar, estão crescendo em áreas onde concorrem diretamente com a mão de obra masculina, como é o caso das atividades predominantemente masculinas.

Por exemplo, no setor de transporte a presença feminina em ocupações tipicamente masculinas cresceu de 15,38%, em 1989, para 20,69% em 1995, e nas indústrias metalúrgicas e mecânicas, cresceu de 23,5% em 1989 para 31,16% em 1995. Nas entidades financeiras, nas atividades predominantemente masculinas, a participação feminina cresceu de 38,36% para 55,46%. A análise dos setores isoladamente mostra que as mulheres estão ganhando mais espaço nas atividades masculinas, do que em suas próprias áreas.

TIPOLOGIA DAS OCUPAÇÕES SEGUNDO SETORES DE ATIVIDADE - SOMENTE MULHERES

tipologias de ocupação

Setores de Atividade	1989					1996					
	TM	PM	PF	TF	TOTAL	TM	PM	PF	TF	TOTAL	
Agrícola			77,77		22,22	100			97,13	2,86	100
Ind. Metalúrgicas, Mecânicas de Mat. Elet. e de Transp.	23,49	36,61	20,76	19,12	100	31,16	18,83	34,41	15,58	100	
Produtos de Minerais não-metálicos e madeira	13,63	50,01	9,08	27,26	100	16,66	41,67		41,66	100	
Mobiliário e Artigos de palha	16,66	25	16,66	41,67	100	50	25		25	100	
Papel e Papelão, borracha, couros, peles e plásticos	1,63	63,93	9,83	24,58	100	2,43	53,65	9,75	34,14	100	
Química, Petróleo, Farmacêut., Veterin., Perfum, Sabão e Velas	1,92	50	17,3	30,77	100	5,88	38,23	23,52	32,35	100	
Têxtil, Vestuário e Calçados		23,7	25,86	50,43	100	0,64	21,79	8,33	69,23	100	
Produtos Alimentares, Bebidas e Fumo	4,25	51,06	29,78	14,89	100	5,33	32	48	14,67	100	
Editorial e Gráfica	18,51	44,44	11,1	25,92	100	25	44,45	11,12	19,45	100	
Outros produtos	2,56	30,76	20,51	46,15	100		23,68	26,32	50	100	
Indústria da Construção	40			60	100	33,34	14,28	9,52	42,85	100	
Extração Mineral					100	100				100	
Serviço de Utilidade Pública		40,02	59,98		100	5,88	11,76	35,29	47,06	100	
Comércio de Mercadorias	8,23	52,74	31,09	7,92	100	1,97	89,15	8,87	15,58	100	
Transporte	15,38	57,69		26,92	100	20,69	34,48	27,58	17,23	100	
Comunicação		6,67		93,32	100		53,85	46,14	46,14	100	
Alojamento e Alimentação	11,96	40,16	30,77	17,09	100	1,08	41,62	51,89	5,4	100	
Reparação	22,22	22,21		55,56	100	25	43,75	12,5	18,75	100	
Serviços Pessoais	0,83	2,49	17,5	79,16	100	1,12	1,87	21,42	75,56	100	
Serviços Domésticos		3,99	92	3,99	100	10,44	62,68	13,43	13,43	100	
Empregada Doméstica		0,54		99,45	100	0,52			99,47	100	
Divertimentos	8,34	33,32	33,33	24,99	100	5,26	21,05	36,84	36,83	100	
Serviços Auxiliares da Atividade Econômica	8,84	47,61	23,12	20,41	100	9,29	30,08	27,87	32,74	100	
Serviço Médico Odontológico e Veterinário		9,49	15,08	75,41	100	0,44	2,23	22,32	75	100	
Ensino		3,43	16,79	79,77	100	0,33	2,67	32,1	64,86	100	
Outras Atividades Sociais		7,24	47,82	44,93	100	2,38	2,38	27,38	67,85	100	
Governo	5,33	29,33	31,99	33,33	100	8,69	17,38	46,08	27,82	100	
Entidades Financeiras	2,51	38,36	44,65	14,46	100	8,59	55,46	10,93	24,99	100	
Outras atividades		50		50	100		100			100	
Total	4,19	27,4	31,56	36,82	100	4,41	29,43	26,29	39,85	100	

TABELA III.2

Anexo

Quadro II.1 - Agrupamento dos ramos de atividade em diversos setores de atividade.

Setor de Atividade		Ramo de Atividade
Agrícola	1	Agrícola
Indústria de Transformação	2	Indústria Metalúrgica, Mecânica de Material Elétrico e de Transporte
	3	Produtos de Minerais não-metálicos e Madeira
	4	Mobiliário e Artigos de Palha
	5	Papel e Papelão, Borracha, Couros, Peles e Plásticos
	6	Química, Petróleo, Farmacêutico, Veterinária, Perfumaria, Sabão e Velas
	7	Têxtil, Vestuário e Calçados
	8	Produtos Alimentares, Bebida e Fumo.
	9	Editorial e Gráfica
	10	Outros Produtos
	Indústria de Construção	11
Outras Atividades Industriais	12	Extração Mineral
	13	Serviços de Utilidade Pública
Comércio de Mercadorias	14	Comércio de Mercadorias
Transporte e Comunicação	15	Transporte
	16	Comunicação
Prestação de Serviços	17	Alojamento e Alimentação
	18	Reparação
	19	Serviços Pessoais
	20	Serviços Domiciliares
	21	Empregada Doméstica
	22	Divertimentos
	23	Serviços Auxiliares
Social	24	Serviço Médico, Odontológico e Veterinário
	25	Ensino
	26	Outras Atividades Sociais
Administração Pública	27	Governo
Outras Atividades	28	Entidades Financeiras
	29	Outras Atividades

Conclusão

Esta pesquisa permitiu demonstrar que o mercado de trabalho no Brasil vem passando por grandes transformações quantitativas e qualitativas. Primeiramente, observa-se que, em geral, a deterioração do emprego (isto é, o crescimento de ocupações informais, relacionadas principalmente ao setor de serviços) ocorreu em todas as áreas, independentemente de sexo. Também o aumento de desemprego para categorias menos qualificadas, altamente qualificadas e de baixa instrução - como consequência do processo de reestruturação industrial -, é um indício de que o desemprego, pelo menos nessas categorias, tende a ser bem mais prolongado e de difícil solução.

A evidência de que o setor de serviços cresceu é clara: o comércio de mercadorias ocupa a primeira posição na geração de ocupações. Além disso, demonstrou um crescimento de 13,39% do total de ocupações de 1989, para 16,14% em 1995, um crescimento de 20,5%. No total, os dez setores que mais geravam emprego feminino em 1995 contribuíam com 80,6% do mercado feminino, indicando que houve uma concentração do mercado de trabalho feminino principalmente nos setores de Comércio de Mercadorias, Serviços Pessoais e nos Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, que foram os serviços onde o emprego de mão-de-obra feminina mais cresceu. Ainda nos setores de Comércio de Mercadorias e Serviços Auxiliares da Atividade Econômica, a participação feminina no total das ocupações não só cresceu como ultrapassou a participação masculina.

Da mesma forma, outros setores foram atingidos, como o setor financeiro, com o aumento da automação, perda dos ganhos provenientes das receitas inflacionárias e por um crescente número de fusões e aquisições, e as estatais, que são atingidas pelos processos de privatização e a administração pública, cuja reorganização começa a se traduzir numa diminuição do número de servidores públicos.

Outros setores, como o ensino, tiveram uma pequena redução (3%), que demonstra a necessidade do governo reduzir seus gastos para sanear o déficit público, que vem se agravando desde o início do Plano Real, em 1994. A estratégia de saneamento das contas públicas vem da necessidade de permitir ao governo maior controle sobre a inflação e, principalmente, de criar um ambiente de confiabilidade para os investidores estrangeiros, que são o pilar de sustentação do câmbio e, dessa forma, do próprio Real. Porém a contenção do gasto público choca-se com a necessidade de geração de emprego no país e necessidades não menos importantes de melhoria de suporte de infra-estrutura no país, o que pode ser a causa do fracasso da reforma fiscal no Brasil. Pode-se dizer, portanto, que o ajuste fiscal que é uma meta do governo de Fernando Henrique Cardoso desde 1994 adquiriu um caráter mais ideológico do que tornou-se efetivo. Atualmente, o governo tem que enfrentar o mesmo desafio que não pôde superar em 1994, que é criar uma reforma fiscal efetiva, e reconquistar a credibilidade do país frente aos credores internacionais.

A necessidade de redução de custos para aumento da competitividade do produto nacional e, portanto, da inserção do país no comércio mundial, faz com que empresas passem a contratar mais mulheres, que tradicionalmente são uma

mão-de-obra mais barata do que a masculina. Essa necessidade faz com que os salários femininos passem a se valorizar mais, em virtude do aumento da procura por mão-de-obra feminina. Ao mesmo tempo, processos de redução de custos, como a terceirização, contribuem para o crescimento do mercado terciário, que é um mercado que emprega mulheres predominantemente, aumentando o emprego feminino. Estes fatores contribuem para aumentar a inserção feminina no mercado de trabalho, além do fato de que as mulheres também passam a entrar mais no mercado de trabalho, ou seja, aumenta a taxa de participação da PEA feminina.

Os dados mostram que em quase todos os setores predominantemente femininos e tipicamente femininos, a presença masculina caiu, à exceção do serviço médico, odontológico e veterinário, onde a presença masculina subiu de 14,86% para 41,17% em ocupações predominantemente femininas, e do ensino, onde a presença masculina subiu de 29,06% para 39,53% em ocupações predominantemente femininas.

Em 1995 observa-se que a inserção masculina em setores tradicionalmente femininos, se observada pelo total das ocupações, foi muito fraca, ocorrendo aumento da participação masculina somente nas categorias predominantemente masculino e tipicamente masculino. Porém a observação de setores individualmente mostra que esta inserção não foi somente em setores tipicamente masculinos, como indústrias metalúrgicas e mecânicas, que passaram a ter de 45,49% para 87,05% de suas ocupações tipicamente masculinas, mas também em setores não - tipicamente masculinos, como o comércio de mercadorias, que passaram de 62,18% para 75,97%, o setor têxtil, passando a ter de 13,94% de ocupações tipicamente masculinas para 39,83%, e até mesmo o setor das empregadas domésticas, que passou a ter de 19,04% das ocupações tipicamente

masculinas para 39,83% nesta categoria. Ou seja, também houve inserção masculina em ocupações tradicionalmente femininas, apesar de menos intensa do que a inserção feminina.

Já em 1995 as ocupações tipicamente femininas representavam 39,85% do mercado feminino, enquanto que as ocupações predominantemente masculinas passaram a frente, ocupando a segunda posição, com 29,43% do total das ocupações femininas - demonstrando uma inserção feminina agressiva no mercado de trabalho masculino. Em terceira posição, as ocupações predominantemente femininas ocupavam 26,29% em 1995 e as ocupações masculinas, 4,41%. Isso demonstra que as mulheres estão crescendo primeiramente nas áreas de atuação que ocupam tradicionalmente (isto é, onde têm uma vantagem comparativa com relação aos homens), e em segundo lugar, estão crescendo em áreas onde concorrem diretamente com a mão de obra masculina, como é o caso das atividades predominantemente masculinas.

Observa-se também, características distintas da inserção das mulheres entre filhas e chefes mulheres, apesar de apresentarem padrões de crescimento semelhantes, pois dependem da demanda de trabalho feminino.

A principal característica que se observa nesta categoria de ocupações é a rapidez com que se modifica a participação das filhas, caracterizando um mercado mais flexível. Isso pode indicar que estas ocupações são menos estratégias de complementação de renda do que trabalhos fixos. A principal característica que se observa na categoria das chefes de família no mercado de trabalho é uma menor mobilidade, principalmente se comparada às mulheres mais jovens, o que pode indicar que esta categoria concentra-se em trabalhos fixos.

Apesar disso, grande parcela desta categoria ainda permanece em ocupações desqualificadas, como as ocupações domésticas, ou em ocupações mais precárias, como o comércio de mercadorias, setor caracterizado pela instabilidade das ocupações.

Revisão Bibliográfica

ANDRADE, M. (1994) - "Setor de Serviços no Brasil: A Dualidade Revisitada(1981/1990)". Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE -UFMG. Tese de Mestrado.

BAER, W. (1996) - "A Economia Brasileira". São Paulo, Nobel.

BALTAR, P. e PRONI, M. (1996) - "Sobre o Regime de Trabalho no Brasil: Rotatividade da Mão-de-Obra, Emprego Formal e Estrutura Salarial". In: OLIVEIRA, C. e MATTOSO, J. (coords.). "Crise e Trabalho no Brasil, Modernidade ou Volta ao Passado?". São Paulo, Scritta.

BALTAR, P. e HENRIQUE, W. (1994) - "Emprego e renda na crise contemporânea do Brasil". In: BARBOSA DE OLIVEIRA, C. *et alii* (orgs.) Mundo do Trabalho. São Paulo: Scritta.

BONELLI, R. (1996) - "Ensaio Sobre Política Econômica e Industrialização no Brasil". Rio de Janeiro, SENAI-DN/DITEC/DPEA. CIET - Núcleo de Trabalho.

BRUSCHINI, C. (1996) - "Gênero e Trabalho Feminino no Brasil".

DEDECCA, C. (1997) - "Brasil e México: Racionalização Econômica e Emprego". Cadernos do CESIT nº. 23, Campinas, UNICAMP.IE. CESIT.

ERBER, F. e CASSIOLATO, J.(1997) - "Política Industrial: Teoria e Prática no Brasil e na OCDE". In:Revista de Economia Política vol.17 no.2 (66)

KANDIR e outros (1989) - "Caracterização Geral dos Planos de Estabilização..."

LAVINAS, L. (1997) - "Emprego Feminino: O que Há de Novo e o que se Repete". In: DADOS - Revista de Ciências Sociais. IUPERJ, Rio de Janeiro, Vol. 40.

MATTOSO, J. e BALTAR, P. (1996) - "Transformações Estruturais e Emprego nos Anos 90". Cadernos do CESIT, nº 21. Campinas: IE/CESIT.

MATTOSO, J. e BALTAR, P. (1997) - "Estrutura econômica e emprego no Brasil: a experiência recente". In: VELLOSO et al (coord.). Brasil: Desafios de um País em Transformação. José Olympio editora.

MATTOSO,J. e POCHMANN,M. (1995) - "Globalização, concorrência e trabalho." In: Cadernos CESIT, núm. 17. Campinas: IE/CESIT.

PACHECO, C. (1996) - "Transformações no Mercado de Trabalho Brasileiro entre 1980 e 1995 e perspectivas futuras". UNICAMP, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia, IE.

PIRES, E. (1985) - "Metamorfoses e Regulação: o Mercado de Trabalho no Brasil nos Anos 80". São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. Tese de Doutorado.



POCHMANN, M. (1996) - "O Problema Recente do Emprego no Capitalismo Contemporâneo". In : XXIV Encontro Nacional da ANPEC - Campinas.